



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**O ENCONTRO TRÁGICO DA DIFERENÇA: UMA ANÁLISE DE *THE
OTHER BOAT*, DE E.M. FORSTER**

RAISSA ALLYNE NASCIMENTO SOUZA

CAMPINA GRANDE

2024

RAISSA ALLYNE NASCIMENTO SOUZA

O ENCONTRO TRÁGICO DA DIFERENÇA: UMA ANÁLISE DE *THE OTHER BOAT*, DE E.M. FORSTER

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

CAMPINA GRANDE

2024

S729e Souza, Raissa Allyne Nascimento.

O encontro trágico da diferença: uma análise de *The Other Boat*, de E. M. Forster / Raissa Allyne Nascimento Souza. – Campina Grande, 2024.

56 f.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva".

Referências.

1. Análise Literária. 2. Crítica e Interpretação Literária. 3. Literatura Inglesa. 4. Teorias Pós-Coloniais. 5. Colonialismo. 6. Raça - Identidade e Homossexualidade. 7. Forster, E. M. 1879-1970. I. Silva, Suênio Stevenson Tomaz da. II. Título.

CDU 82.091(043)

RAISSA ALLYNE NASCIMENTO SOUZA

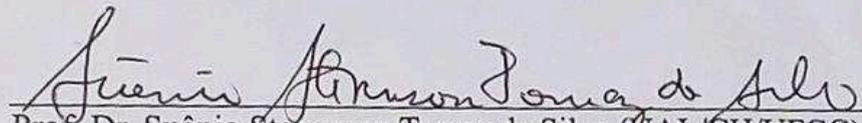
O ENCONTRO TRÁGICO DA DIFERENÇA: UMA ANÁLISE DE *THE OTHER BOAT*, DE E.M. FORSTER

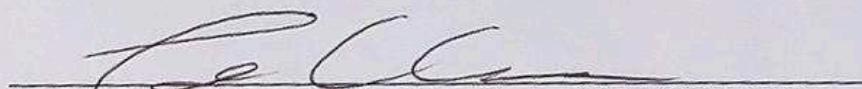
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Aprovada em 15 de outubro de 2024.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UAL/CH/UFCG)
Orientador


Prof. Dr. Celso José de Lima Júnior (UAL/CH/UFCG)
Examinador

CAMPINA GRANDE
2024

Para Isabel — *in memoriam*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, meu pilar principal — Maria e Francisco. Obrigada por estarem ao meu lado nos momentos de dúvida e desafio, por celebrarem minhas conquistas e me ajudarem a superar os obstáculos. Tudo que faço é por vocês, na tentativa de poder retribuir um pouco tudo aquilo que vocês sempre fizeram e fazem por mim. Não sei se um dia conseguirei, mas é gratificante ao menos tentar. Obrigada pelo apoio constante e pelos olhares de orgulho que sempre foram minha inesgotável fonte de força. Amo vocês, imensamente.

Às minhas irmãs, minhas primeiras e eternas amigas, e os amores da minha vida — Letícia e Alecyra. Obrigada por estarem sempre por perto, por serem meu combustível diário, por me aconselharem e me fazerem perceber que a vida é melhor quando estamos as três juntas. *Vocês são minhas memórias mais felizes*. Desejo ser alguém em quem possam sempre confiar e se orgulhar. Meu coração está eternamente com vocês.

Ao meu irmão — Geysi, que, ao longo da minha vida, tem sido uma presença protetora e amiga. É sempre bom te ter por perto.

Agradeço imensamente a uma das pessoas mais incríveis que eu tive o prazer de conhecer, ainda lá em 2019, onde o início dessa trajetória parecia aterrorizantemente novo e cheio de incerteza, e que mais tarde se tornaria uma das pessoas mais importantes para mim, minha melhor amiga — Lilian Alves. Lili, o destino age de formas surpreendentes, te colocou no meu caminho quando eu mais precisava, quando eu mais me sentia sozinha e me mostrou que as risadas e os abraços existem para serem compartilhados, assim como o peso dos momentos difíceis. É muito bom saber que posso contar com você em qualquer situação. Obrigada pelas conversas, pelos conselhos e pelo apoio infinito. Obrigada por sempre acreditar em mim. *“Tem pessoas na vida que a gente esbarra, e tem pessoas na vida que a gente encontra”*, que sorte a minha ter te encontrado.

À minha amiga mais que especial — Rayanne Costa. O quão raro é encontrar alguém com quem a conexão vai além de conversas ou momentos cotidianos. É tão bom ter do lado alguém que nos vê pelo que somos. Sua amizade me mostrou que às vezes o que parece ser uma fraqueza, é, na verdade, nossa maior força. Obrigada por me ensinar que posso ser eu mesma, sem medo. E como é bom se sentir compreendido e acolhido por alguém. Obrigada por ser essa pessoa na minha vida, espero sempre ser esse alguém para você também.

Aos amigos que a UFCG me presenteou — Edu, Allan, Gabs e Matheusinho. Obrigada pelos cafés e fofocas, pelas gargalhadas contagiantes, pelos momentos

inesquecíveis, que serão os que irei lembrar quando a saudade bater. A presença de vocês fez toda a diferença na minha trajetória, e sou grata por cada dia que passamos juntos. Obrigado por serem amigos incríveis e por tornarem essa fase da minha vida tão especial.

Gostaria de agradecer especialmente ao meu orientador — professor Dr. Suênio Silva, por todo apoio e confiança, por ter acreditado em mim e me auxiliado no processo de produção desta monografia, sempre com muito respeito, compreensão e sensibilidade. Cada orientação, *feedback* e sugestão foi essencial para que eu conseguisse concluir este trabalho. Minha sincera gratidão.

A todos os professores da UAL, que foram grandes influências em minha jornada acadêmica, compartilhando conhecimento, inspiração e apoio — Sinara, Vivian, Cledystone, Marco, Normando e Iá Niani. Em especial, dois professores que tiveram um impacto gigantesco em minha vida, não só acadêmica, mas principalmente, pessoal: professor Dr. Garibaldi Dantas e o professor Dr. João Pedro Amaral.

Um obrigado cheio de gratidão ao professor Gagah, simplesmente por ser quem ele é. Por ter sido um exemplo do que é ser um bom professor. Suas aulas me ajudaram nos momentos difíceis da pandemia em 2021, e depois, presencialmente. Foi um prazer assistir cada uma delas, ler e analisar cada conto e poema que trouxe para trabalhar em sala. Guardo todos com muito amor e, frequentemente, relei-os quando sinto saudades das nossas aulas. Sua sensibilidade e paixão pela literatura fez com que eu me apaixonasse ainda mais por esse universo. Obrigada por me mostrar o poder das palavras e por me ensinar, com seu exemplo, a ser mais humano e mais sensível ao mundo ao meu redor.

Ao professor João Pedro, um imenso e sincero obrigado, pelas aulas excepcionais e por ter sido a pessoa a me apresentar as teorias pós-coloniais, área de estudo que me conquistou o coração e que desejo, fortemente, seguir. Os estudos pós-coloniais abriram um mundo totalmente novo para mim, mudando a forma que eu leio literatura e também a forma que enxergo o mundo, então, obrigada por ter feito parte dessa mudança, que foi tão significativa para mim. Sua nítida paixão pelo tema sempre foi contagiante e inspiradora, e isso me motivou a seguir esse caminho com o mesmo entusiasmo. Das nossas aulas, levo comigo a vontade de seguir explorando esse campo de estudo com o mesmo cuidado e compromisso que você sempre demonstrou em sala.

Finalmente, agradeço à literatura, minha eterna fonte de conforto e inspiração, que deu voz aos meus sentimentos mais confusos e foi um cobertor quente nos momentos solitários. Em meio às páginas dos livros, encontrei um refúgio que me ajuda a enfrentar as complexidades da vida. O momento em que mais me sinto viva é, sem dúvida, quando estou

lendo, por isso, agradeço profundamente a todos os autores e histórias que contribuíram para minha vida de maneiras tão significativas, e que continuam a iluminar meu caminho com suas palavras.

*Mas confesso que a mim nada disso me encanta. Prefiro
infinitamente um livro.
(Orgulho e Preconceito, Jane Austen)*

*Vim aqui só pra dizer
Ninguém há de me calar
Se alguém tem que morrer
Que seja pra melhorar*

*Tanta vida pra viver
Tanta vida a se acabar
Com tanto pra se fazer
Com tanto pra se salvar
Você que não me entendeu
Não perde por esperar
(Geraldo Vandré, 1966)*

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o conto do autor britânico E. M. Foster, *The Other Boat* (1975), sob as óticas das teorias pós-coloniais, bem como identificar dinâmicas de alteridade que permeiam a relação entre os dois personagens principais da trama, Lionel e Coconut. Além disso, o trabalho busca explorar os simbolismos que cercam o elemento espacial, e suas influências na caracterização das personagens, como também o aspecto trágico da relação dos protagonistas, que não apenas transpassa toda a narrativa como se mostra uma consequência do pensamento colonial, o qual refere-se ao sistema de valores e hierarquias imperialistas que moldam as relações de poder entre colonizadores e colonizados. Para tanto, utilizou-se uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico-analítico, que se desenvolveu a partir de leituras de livros, teses e artigos para a análise e interpretação do texto literário. A análise fundamenta-se em teóricos como Frantz Fanon (1968, 2008), Gayatri Chakravorty Spivak (1994), Edward Said (1990) e Thomas Bonnici (2009), para examinar como as interações entre os personagens refletem as tensões do pensamento colonial. A presente monografia visa contribuir para uma compreensão crítica das disparidades de poder e das consequências do colonialismo nas relações interpessoais e sociais, ao mesmo tempo que abre espaço para a discussão de obras que abordam temas complexos como o colonialismo.

Palavras-chave: Teorias Pós-Coloniais. Colonialismo. Raça. Identidade. Homossexualidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze the short story by British author E. M. Foster, *The Other Boat* (1975), from the perspective of postcolonial theories, as well as to identify dynamics of otherness that permeate the relationship between the two main characters of the plot, Lionel and Coconut. In addition, the work seeks to explore the symbolisms that surround the spatial element, and its influences on the characterization of the characters, as well as the tragic aspect of the relationship between the protagonists, which not only permeates the entire narrative but also proves to be a consequence of colonial thinking, which refers to the system of imperialist values and hierarchies that shape the power relations between colonizers and colonized. To this end, a qualitative methodology of a bibliographic-analytical nature was used, which was developed from readings of books, theses and articles for the analysis and interpretation of the literary text. The analysis is based on theorists such as Frantz Fanon (1968, 2008), Gayatri Chakravorty Spivak (1994), Edward Said (1990) and Thomas Bonnici (2009), to examine how the interactions between the characters reflect the tensions of colonial thought. This monograph aims to contribute to a critical understanding of power disparities and the consequences of colonialism on interpersonal and social relations, while also opening space for the discussion of works that address complex themes such as colonialism.

Keywords: Postcolonial Theories. Colonialism. Race. Identity. Homosexuality.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 Outro VS outro: LIONEL VS COCOANUT	17
1.1 Algumas considerações sobre alteridade	17
1.2 O contexto da obra	21
1.3 Os protagonistas	23
1.3.1 Lionel: O “Outro”	23
1.3.2 Cocoanut: O “outro”	27
2 O BARCO: O SIMBOLISMO E AS INFLUÊNCIAS DO ESPAÇO	31
2.1 O barco como microcosmo da sociedade colonial	31
2.2 Entre a exposição e o refúgio: o espaço físico e a caracterização das personagens	36
3 O DESFECHO TRÁGICO DE LIONEL E COCOANUT	40
3.1 Amor e violência: a dialética do contexto colonial	41
3.2 As consequências trágicas do pensamento colonial	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da história, podemos citar alguns acontecimentos de grande impacto que mudaram a trajetória dos seres humanos e influenciaram profundamente a formação da sociedade como a conhecemos hoje. A invenção da escrita, por volta de 3500 a.C., que possibilitou o registro e a transmissão de conhecimento e informações, ou a Revolução Industrial ao final do século XVIII, que alterou completamente a forma de produção e a economia, ou até mesmo poderíamos citar as duas grandes guerras mundiais, que tiveram um impacto devastador no mundo todo. Todos esses acontecimentos contribuíram significativamente para a estruturação social que temos nos dias atuais. Contudo, a colonização é indiscutivelmente um dos marcos mais impactantes para o desenvolvimento das sociedades globais, por conta de seu imenso e perdurável impacto em diferentes regiões do mundo.

A colonização foi um processo violento e repressivo que deixou marcas profundas e duradouras em muitas regiões do mundo, interferindo em aspectos geográficos, políticos e culturais de inúmeros povos indígenas e locais. Este processo frequentemente envolveu a ocupação de territórios estrangeiros por potências coloniais, o que levou a mudanças significativas na demarcação de fronteiras, na apropriação de terras e recursos naturais, e na imposição de sistemas políticos. Além disso, a colonização também impôs valores culturais, religiosos e linguísticos das potências coloniais, suprimindo ou marginalizando as culturas e tradições locais. Muitas vezes, as populações colonizadas foram forçadas a adotar a língua e os costumes dos colonizadores, enquanto suas próprias identidades eram desvalorizadas ou até mesmo destruídas. Esse processo de dominação não foi apenas físico, mas também simbólico, deixando profundas cicatrizes sociais e culturais que ainda perduram, com efeitos visíveis nas desigualdades socioeconômicas, nos conflitos identitários e nas tensões políticas em muitas ex-colônias (Loomba, 2005).

Nwanosike e Onyije (2011, p. 42) definem o colonialismo como “a política ou prática de adquirir controle político total ou parcial sobre outro país, ocupá-lo com colonos e explorá-lo economicamente”.¹ Contudo, segundo Homi Bhabha (1998) em *O local da cultura*, a colonização não foi simplesmente um ato de dominação ou mesmo imposição cultural por parte dos colonizadores sobre os colonizados, mas sim um processo complexo e multifacetado que envolveu interações culturais, econômicas e sociais entre diferentes grupos

¹ Tradução nossa. (Original: “the policy or practice of acquiring full or partial political control over another country, occupying it with settlers, and exploiting it economically”)

humanos, resultando em uma transformação profunda e duradoura em ambas sociedades. Bhabha (1998) destaca que a colonização criou um espaço de tensão e ambiguidade, onde as identidades culturais não eram simplesmente impostas, mas negociadas e transformadas, no qual tanto colonizadores quanto colonizados foram transformados pela experiência colonial.

A colonização não apenas influenciou na formação da sociedade como um todo, como também ditou, e ainda dita, a dinâmica entre os indivíduos que a compõem, os separando por hierarquias sociais, raciais, econômicas e culturais. Essas divisões perduram como resquícios do passado colonial, influenciando nas oportunidades, privilégios e desigualdades que caracterizam o mundo atual. Com o objetivo de analisar os danos deste acontecimento histórico, surgiram então os estudos pós-coloniais.

O termo “pós-colonial” começou a ser utilizado nos anos 1970, mas apenas nos anos 1980 ele adquiriu um significado conceitual mais robusto e amplamente reconhecido. No contexto anglo-saxônico, especialmente, ele ganhou substância teórica a partir da publicação de obras como *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* (2004), de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, publicado em 1989, uma obra considerada um marco no desenvolvimento dos estudos pós-coloniais. Embora não exista apenas uma única vertente da teoria pós-colonial, os estudiosos e teóricos desta área estão focados em analisar e compreender diferentes aspectos culturais, como desequilíbrios de poder relacionados com etnia, raça, classe, gênero e sexualidade. Este campo de estudo contribuiu na mudança na maneira como enxergamos a cultura e a literatura, ao propor um afastamento de ideias tradicionais e binárias que mantêm certos grupos no poder, ao mesmo tempo que possibilita uma maior compreensão dos efeitos prejudiciais deixados pelo colonialismo em nossas sociedades (Mata, 2014).

Neste contexto, esta monografia visa analisar o conto *The Other Boat [O Outro Barco]*² (1975) de E. M. Forster sob a perspectiva das teorias pós-coloniais, identificando e explorando as dinâmicas de alteridade entre os personagens principais e o simbolismo do espaço e sua influência na caracterização dos protagonistas, bem como analisar a dimensão trágica da relação entre eles e as consequências do pensamento colonial. Para atingir estes objetivos, utilizou-se uma metodologia qualitativa de cunho bibliográfico-analítico. que segue o paradigma interpretativista de acordo com Moreira e Caleffe (2008), tendo em vista que se desenvolveu a partir de um material já produzido, isto é, envolve a leitura de livros,

² Todas as traduções do conto utilizadas neste trabalho são provenientes da tese de doutorado intitulada **O Outro E. M. Forster: uma tradução comentada de “The Other Boat”** (2015), de autoria do Dr. Garibaldi Dantas de Oliveira, cujo objetivo do trabalho foi realizar uma tradução comentada do conto “The Other Boat”, do escritor inglês Edward Morgan Forster, para o português do Brasil.

teses e artigos para a análise do texto literário. A metodologia envolve uma leitura detalhada e interpretativa do texto e a análise será fundamentada em conceitos teóricos provenientes das teorias pós-coloniais. Para tratar dos conceitos e aplicá-los no objeto de estudo, utilizaremos, os escritos de Frantz Fanon (1968), Edward Said (1990) Homi Bhabha (1998) e Gayatri Chakravorty Spivak (1994).

As motivações que fundamentaram o início dessa pesquisa surgiram a partir de experiências acadêmicas que ampliaram minha perspectiva sobre a literatura. A primeira foi a disciplina de Literatura de Minorias, ministrada pelo professor Doutor Garibaldi Dantas, na qual tive o primeiro contato com o objeto de estudo desta monografia, o conto *The Other Boat*. Essa disciplina proporcionou aos estudantes a oportunidade de explorar uma ampla gama de obras diversas, que ainda não constituíam o cânone literário tradicional, dando voz a produções de autores marginalizados e pertencentes às minorias, além de ampliar o horizonte dos discentes, oferecendo-lhes uma visão mais abrangente e diversificada da literatura. A literatura de minorias busca questionar o cânone literário estabelecido e embora E. M. Forster seja amplamente reconhecido como parte integrante desse cânone, muito de sua escrita demonstra uma preocupação explícita em abordar temas relacionados às minorias.

A segunda motivação se deu por outra disciplina significativa e crucial para minha formação: Literatura pós-colonialista em Língua Inglesa, ministrada pelo professor Doutor João Pedro Amaral. Nela, tive a chance de apresentar um trabalho sobre o conto, já citado anteriormente, analisando-o, brevemente, sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais. Essa apresentação inicial viria a se transformar no tema desta pesquisa. Assim, este trabalho emerge da união de conhecimentos adquiridos por meio dessas duas disciplinas, que ampliaram minha compreensão sobre as representações literárias de minorias e a importância dos estudos pós-coloniais.

Ao analisar *The Other Boat* através das lentes das teorias pós-coloniais, esta pesquisa permite uma interpretação crítica das disparidades de poder, alteridade e tensões raciais e sociais presentes na obra. A escolha do conto, situado no contexto do Império Britânico, oferece a oportunidade de explorar as complexas interações entre os personagens Lionel e Coconut, oferecendo uma perspectiva crítica sobre os resquícios do colonialismo e suas implicações na construção dos sujeitos e das relações interpessoais. Sendo assim, este trabalho se torna relevante acadêmica e socialmente ao passo que contribui para uma compreensão aprofundada das dinâmicas de alteridade e da relação colonizador-colonizado.

Para fins de delimitação, a presente monografia focaliza duas categorias analíticas principais: personagem e espaço. Esses elementos narrativos foram selecionados para a

análise devido à sua relevância na compreensão da dinâmica da obra em questão. Embora outros aspectos da narrativa, como o tempo, também ofereçam ricas oportunidades de investigação, especialmente considerando que a narrativa é dividida em dois períodos distintos, infância e vida adulta dos personagens, a presente pesquisa se restringe aos elementos de personagem e espaço para proporcionar uma análise mais aprofundada e coesa.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo pretende discutir as dinâmicas de alteridade entre os protagonistas da narrativa, Lionel e Cocoanut, e investigar como suas ações e interações exemplificam as complexas dicotomias entre “Outro” (sujeito colonizador) e “outro” (sujeito colonizado), por meio dos autores Gayatri Chakravorty Spivak (1994), Edward Said (1990), Frantz Fanon (1968), Homi K. Bhabha (1998) e Thomas Bonnici (2009).

O segundo capítulo examina o simbolismo do elemento espacial no conto, com ênfase no barco, explorando o que ele representa e como suas divisões (cabine e convés, especificamente) influenciam na caracterização dos personagens. Para tal utilizamos os estudiosos Antonio Dimas (1987), Cândida Vilares Gancho (2004) e Angélica Soares (1993), para apresentar a definição de espaço literário e Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2001) e Carl G. Jung (1964) para conceituar o que é um símbolo e sua importância.

O terceiro e último capítulo pretende investigar como o pensamento colonial molda as relações, destacando a complexidade do relacionamento entre Lionel e Cocoanut. Além de analisar a presença do elemento trágico no conto, explorando como as tensões resultantes da relação dos dois protagonistas culminam em um desfecho inevitavelmente trágico. Assim, aplicamos os estudos de Fanon (2008) e Robert J. C. Young (2005) para examinar as complexidades da relação entre colonizador e colonizado, bem como a influência que o pensamento colonialista exerce sobre essa dinâmica. Para trabalhar o elemento trágico, trazemos as análises de Aristóteles (2017) e Raymond Williams (1966). Enquanto Aristóteles apresenta uma discussão mais tradicional sobre a tragédia, Williams oferece uma perspectiva contemporânea sobre o tema. Por fim, apresentamos as considerações finais.

É necessário destacar que, optamos em propor um trabalho, sem um capítulo inteiramente teórico, isto é, a teoria que compõe esta pesquisa será mobilizada à medida em que o texto literário é analisado, evitando, desta forma, uma separação rígida entre teoria e análise e permitindo que os conceitos teóricos sejam aplicados diretamente às passagens do texto em questão. Esse formato busca facilitar a leitura, ao passo que integra a teoria de maneira mais fluida, com o objetivo de demonstrar como os conceitos teóricos enriquecem a compreensão do conto à medida que o analisamos mais profundamente.

1 Outro VS outro: LIONEL VS COCOANUT

*“para o negro a alteridade não é outro negro, é o branco”
(Fanon, 2008, p. 93)*

Em seu texto *“Teoria e Crítica Pós-Colonialistas”*, Thomas Bonnici (2009, p. 264) traz conceitos de “Outro” e “outro” que são fundamentais para compreender as dinâmicas de poder e de identidade dentro das teorias pós-coloniais. O “Outro” refere-se ao colonizador, que segundo ele é “o centro imperial”. Enquanto o “outro” refere-se ao(s) sujeito(s) “formado por discursos de primitivismo, canibalismo [...] o sujeito degradado do discurso imperial”. No âmbito das teorias pós-coloniais, a análise dessa relação de alteridade surge como um campo fundamental para compreender as relações de poder e identidade nos contextos coloniais e pós-coloniais. Desta forma, este capítulo pretende discutir as dinâmicas de alteridade entre os personagens principais de *The Other Boat*, Lionel e Coconut. Através da análise desses personagens, pretende-se investigar como suas ações e interações exemplificam as complexas dinâmicas de “Outro” (sujeito colonizador) e “outro” (sujeito colonizado) na narrativa. Além disso, o capítulo situará essa análise dentro do contexto teórico proporcionado pelas teorias pós-coloniais, delineando como conceitos como alteridade e poder são articulados e contestados no cenário ficcional criado por Forster.

1.1 Algumas considerações sobre alteridade

Dentre os muitos conceitos que compõem as teorias pós-colonialistas, um de grande destaque para esta pesquisa é o conceito de alteridade. De acordo com Ashcroft, Griffiths, Tiffin (2007), a palavra ‘alteridade’ é derivada do termo latino *alteritas*, que significa “o estado de ser outro ou diferente; diversidade”. Esse conceito é essencial para a análise das relações entre colonizadores e colonizados, pois permite compreender como identidades são formadas em oposição a outras. A alteridade é frequentemente utilizada para explorar as maneiras como os indivíduos ou grupos são definidos não apenas por suas próprias características, mas também em relação a outros, destacando assim a dinâmica de poder que permeia essas interações. Em outras palavras, o termo ‘alteridade’ enfatiza como a identidade dos colonizadores está profundamente ligada à construção da alteridade dos colonizados, isto

é, não pode ser dissociada da forma como eles percebem e definem os “outros”, aqueles que são considerados diferentes ou inferiores. Além disso, o termo aponta a importância do diálogo intercultural no entendimento e uso do conceito, uma vez que se torna um meio vital para desafiar estereótipos, desconstruir preconceitos e promover uma compreensão mais rica e complexa das identidades.

A análise de alteridade é crucial para entender obras literárias produzidas em contextos coloniais e pós-coloniais, pois ela revela as complexas dinâmicas de poder, identidade e representação entre colonizadores e colonizados, além de desconstruir narrativas coloniais, revelando como os textos literários podem perpetuar ou desafiar estereótipos e ideologias advindas desta época.

Sob as lentes das teorias pós-coloniais, a noção de alteridade se refere à identidade construída do colonizado como o “outro”, sujeito subjugado, em oposição ao “eu” dominante, o colonizador. Esta divisão não apenas marca relações de poder divergentes, mas também se manifesta na formação de identidades culturais e sociais dentro do contexto colonial e serve para justificar a dominação colonial ao retratar o colonizado como fundamentalmente diferente e inferior. O conceito de alteridade é crucial para explorar como os poderes coloniais criam e perpetuam essas distinções para manter o controle.

Gayatri Chakravorty Spivak, em seu capítulo “*Quem reivindica a alteridade?*” (1994), questiona o próprio ato de reivindicar, representar ou se envolver com a alteridade. Ela argumenta que mesmo esforços bem-intencionados para falar pelos ou sobre os marginalizados podem reforçar as mesmas estruturas de poder que produziram a marginalização. No contexto dos estudos pós-coloniais, isso significa que os acadêmicos devem estar profundamente cientes dos riscos de reproduzir a dinâmica colonial que buscam criticar. A preocupação de Spivak é que o conceito de alteridade pode ser construído e representado pelos grupos dominantes com o objetivo de reforçar as hierarquias e relações de poder existentes, em vez de verdadeiramente representar as realidades e necessidades dos marginalizados. Essa construção/representação é uma forma de poder que define e limita a identidade do “outro”, muitas vezes em termos estereotipados e simplificados. A autora questiona se a verdadeira alteridade pode ser totalmente representada ou se ela é influenciada por aqueles no poder e ressalta a importância de não apenas desconstruir binários coloniais, mas também questionar quem tem autoridade para falar sobre ou pelo “outro”.

Os conceitos alteridade nos estudos pós-coloniais reiteradamente se concentram nas oposições binárias estabelecidas pelo discurso colonial, como eu/outro, colonizador/colonizado, civilizado/incivilizado, e como essas dicotomias servem para

justificar e perpetuar relações de poder desiguais, ao passo que revela como a identidade do colonizador é formada em contraste e às custas da desumanização e marginalização do colonizado.

Frantz Fanon, em seu livro *Os Condenados da Terra* (1968), descreve o mundo colonial como um mundo maniqueu, dividido de maneira rígida entre o colonizador e o colonizado, no qual esse maniqueísmo não se limita apenas à segregação física e de espaço mantida pelo controle policial e militar do colonizador, mas se estende também à desumanização dos colonizados. Em suas palavras:

O mundo colonial é um mundo maniqueísta. Não basta ao colono limitar fisicamente, com o auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado. Como que para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. [...] Por vezes este maniqueísmo vai até ao fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. (Fanon, 1968, p. 30-31).

Fanon destaca, desta forma, que a divisão entre colonizador e colonizado vai além da simples segregação espacial, sustentada por força policial e militar, mas se expande, desumanizando o colonizado, o transformando na “quintessência do mal”. Ao referir-se aos colonizados por meio de termos zoológicos, o colonizador reforça uma visão de inferioridade radical, justificando, assim, a exploração e opressão colonial. Fanon revela como o colonialismo opera não apenas no controle físico, mas também no plano psicológico e simbólico, impondo uma narrativa que sustenta a subjugação e o domínio sobre os colonizados.

Assim, evidencia-se que, no contexto colonial, os colonizadores não reconhecem os colonizados como seres humanos plenos como eles. Ao contrário, os reduzem a um status de sub-humanos, sendo frequentemente animalizados. Conforme argumenta o autor, a linguagem utilizada pelos colonizadores para se referir aos colonizados é permeada por termos zoológicos, que destacam características consideradas bestiais. Assim como Fanon, Thomas Bonnici (2009) afirma que:

O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial (Bonnici, 2009, p. 265).

Bonnici ecoa a análise de Fanon ao destacar a dualidade de poder que permeia as relações coloniais, em que o colonizador é retratado como a encarnação do poder, da civilização e da cultura, apresentando-se como um ser superior, enquanto o colonizado é usurpado de suas

características humanas e civilizatórias. Ao empregar essa linguagem desumanizadora, Bonnici sublinha como as narrativas coloniais são construídas para reforçar hierarquias e perpetuar a opressão, colocando o colonizador em uma posição de autoridade e o colonizado em um lugar de subordinação e desvalorização. Esse processo é uma estratégia para justificar a dominação e a violência exercidas pelas populações colonizadoras. Ao descrever os colonizados em termos bestiais, o colonizador reforça a ideia de que eles são inferiores e, portanto, mercedores da opressão e da exploração.

Edward Said, em sua obra *Orientalismo* (1990), também afirma que a alteridade é central para a criação de estereótipos e representações distorcidas do “outro” colonizado pelo discurso e pela prática colonial. O termo “Orientalismo” refere-se à uma estrutura de pensamento que caracteriza o Oriente como exótico, atrasado, irracional e essencialmente diferente do Ocidente, que é retratado como avançado, racional e superior. Esta construção da alteridade, ou seja, a definição do “outro” em oposição ao “eu”, é essencial para justificar e manter o poder colonial. Said reitera:

O oriente não está apenas adjacente à Europa, é também onde estão localizadas as maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte das suas civilizações e línguas, seu concorrente cultural e uma das mais profundas e recorrentes imagens do “outro”. Além disso, o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, personalidade e experiências de contraste (Said, 1990, p. 13-14).

Ou seja, o Oriente foi frequentemente construído como esse “outro”, um espelho contra o qual a Europa definia a si mesma, no qual não apenas via o Oriente como diferente, mas usava essa diferença para moldar e reforçar suas próprias características e valores. Através da criação de uma imagem do Oriente como exótico, irracional e primitivo, a Europa se definiu como o oposto: racional, moderna e civilizada. Essa construção ajudou a consolidar a identidade europeia como mais avançada, lógica e moralmente superior. Ao projetar características negativas no Oriente, reafirmava, assim, suas qualidades positivas.

Como vimos, esses binarismos reforçam os mecanismos e as estruturas coloniais, perpetuando a dominação e a subordinação de culturas não ocidentais. Desta forma, fica clara a importância da quebra dessas dicotomias para promover uma compreensão mais equitativa e complexa das relações culturais e de poder. Em *O Local da Cultura*, Homi K. Bhabha (1998) desenvolve o conceito de “espaço liminar” em que identidades são negociadas e desafiadas, sugerindo que a alteridade não é estática, mas fluida e contestada. Esse “espaço liminar” é “situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco” (Bhabha, 1998, p. 22), ou seja, é onde as negociações ocorrem, permitindo a

emergência de novas formas de identidade que desafiam as categorizações binárias tradicionais. Para Bhabha (1998), este espaço não é apenas geográfico, mas também cultural e simbólico. Ao introduzir a ideia de fluidez e negociação de identidade, Bhabha desestabiliza essas narrativas binárias que fixam as identidades dos colonizados em estereótipos imutáveis e oferece uma visão mais complexa e realista das dinâmicas coloniais e pós-coloniais.

The Other Boat oferece um cenário simbólico ideal para aplicação do conceito de alteridade, o que por sua vez, auxilia na compreensão das complexas dinâmicas de poder e subordinação que permeiam o conto. Ambientado em um barco durante uma jornada marítima, o espaço confinado e transitório do navio não serve apenas como exemplo das relações coloniais, mas também como um palco onde as identidades de Lionel e Cocoanut são forjadas e contestadas. A relação entre os dois personagens é marcada por tensões raciais e sexuais, refletindo as hierarquias e os conflitos do contexto colonial. A bordo, Lionel, como o “Outro” (sujeito colonizador), exerce poder e controle sobre Cocoanut, o “outro” (sujeito colonizado), manifestando-se em interações que revelam não apenas as disparidades de poder, mas também os conflitos internos e externos que surgem da relação colonial. *The Other Boat* é uma narrativa que explora as complexidades das identidades coloniais e as relações de poder pelas lentes de um relacionamento homoerótico.

1.2 O contexto da obra

Edward Morgan Forster (mais conhecido por E. M. Forster), nascido em 1 de janeiro de 1879 e falecido em 7 de junho de 1970, foi um romancista britânico, autor de publicações como *A Room with a View* (1908), *Howards End* (1910) e *A Passage to India* (1924). Amplamente reconhecido por suas contribuições à literatura do século XX, particularmente através de suas obras que abordam temas complexos como sexualidade, colonialismo, imperialismo, entre outros (Oliveira, 2015). Entre essas, destaca-se seu romance *A Passage to India* (1924) que se tornou um marco na literatura por seu retrato profundo e crítico das relações entre colonizadores britânicos e os colonizados indianos durante o período do Raj Britânico³. Este romance explora as tensões culturais, raciais e políticas, oferecendo uma visão perspicaz sobre as dinâmicas de poder e as consequências humanas do colonialismo (Beer, 1985).

³ O Raj Britânico foi o período de domínio britânico na Índia que começou em 1858, após a Revolta dos Cipaios (Metcalf & Metcalf, 2006).

Obras como as de Forster são de grande importância para os estudos pós-coloniais pois confrontam o legado do colonialismo ao passo que geram não apenas conscientização e incentivam a reflexão crítica sobre poder e injustiças, mas também contribuem para debates sobre justiça histórica e reparação. Sua importância dentro do contexto do colonialismo reside em sua capacidade de humanizar todos os lados envolvidos, evitando caricaturas simplistas e apresentando personagens complexos. Em *A Passage to India* assim como também em *The Other Boat*, por exemplo, Forster não apenas critica a arrogância e a insensibilidade dos colonizadores britânicos, mas também explora as complexidades e as resistências internas dentro da sociedade. Através de sua narrativa, Forster ilumina as profundas divisões culturais e a dificuldade de estabelecer um entendimento genuíno entre colonizadores e colonizados.

O conto *The Other Boat* faz parte do livro de contos *The Life to Come and Other Stories* (1975). A narrativa conta a história de dois personagens, Cocoanut e Lionel, que se conheceram em um barco ainda crianças e após 10 anos se reencontram em outro barco. A trama se inicia com um grupo de crianças brincando na proa de um barco que está viajando da Índia para a Inglaterra. Lionel, um dos filhos da Sra. March, está tentando fazer com que seu amigo Cocoanut brinque com ele. A Sra. March desaprova Cocoanut devido à sua ascendência não europeia, mas permite que eles brinquem juntos. Mais tarde, os anos passam e Lionel, agora capitão do exército britânico, está em outro navio com destino à Índia para conhecer Isabel, sua suposta noiva. Para sua surpresa, Cocoanut é seu colega de quarto. A partir daí, iremos acompanhar o desenrolar de um relacionamento entre os dois, cercado de tensão e complexidade, no qual ambos desenvolvem uma conexão emocional e física mais profunda. Ainda que, inicialmente, haja uma certa resistência por parte de Lionel, ele, eventualmente, acaba por corresponder aos sentimentos que Cocoanut tem por ele. Contudo, apesar de ter seus sentimentos retribuídos pelo outro, Cocoanut sofre muitas injúrias, tanto por parte de seu amado quanto por parte do resto da tripulação do barco.

Não há informações claras no texto que confirmem a época exata em que os eventos da história ocorreram. Contudo, o conto parece situar-se durante a era do Império Britânico, pois o fato de um navio viajando da Inglaterra para a Índia, o personagem Lionel ser um capitão do exército britânico e as atitudes de preconceito racial que frequentemente estão presentes na fala de alguns personagens sugere que a história provavelmente se sucede durante o período de domínio britânico, por volta das primeiras décadas do século 20. Esses elementos contextuais ajudam a delinear o pano de fundo histórico e social da obra, evidenciando as complexas dinâmicas entre colonizadores e colonizados.

1.3 Os protagonistas

“Aqui é nosso lugar e até aqui não tivemos nenhum outro e somente nós podemos proteger um ao outro. A porta fechada, a porta desfechada, é nada, e é a mesma coisa” (Forster, 2015).

O contraste entre ambos os personagens principais é bastante significativo. Coconut e Lionel são de diferentes raças, nacionalidades e de classes sociais ainda mais distantes. Este é um dos aspectos do conto que pode ser ligado à teoria pós-colonial, pois exemplifica as disparidades de poder inerentes ao colonialismo. Enquanto Lionel representa o colonizador, com seus privilégios e poderes estabelecidos, Coconut simboliza o povo colonizado, sujeito à opressão e marginalização resultantes do domínio colonial. Essa dinâmica ilustra como o colonialismo não apenas perpetua desigualdades sociais, mas também molda as identidades e relações entre os colonizadores e os colonizados, evidenciando as complexidades e injustiças do legado colonial.

1.3.1 Lionel: O “Outro”

A análise de personagem é um aspecto fundamental da literatura, pois permite uma compreensão mais profunda das motivações, conflitos internos e dinâmicas sociais que moldam as narrativas. É examinando as características, ações e interações dos personagens que os leitores conseguem identificar temas centrais e dilemas morais que permeiam a obra. A análise deste elemento literário revela não apenas a complexidade individual dos personagens, mas também as relações de poder, opressão e resistência que podem existir entre eles, especialmente em contextos sociais e históricos específicos.

Antonio Candido, em *A Personagem de Ficção* (1968), propõe uma pergunta retórica instigante sobre a natureza do personagem fictício: “Como pode existir o que não existe?”. Segundo ele, embora as personagens sejam invenções, elas podem parecer tangíveis e significativas para os leitores, pois têm a capacidade de provocar questionamentos sobre sua existência. Candido (1968) argumenta que o romance se fundamenta em uma relação entre o “ser vivo” (a realidade dos indivíduos no mundo real) e o “ser fictício” (as personagens), e aponta que essa relação é essencial para a construção da narrativa, pois os personagens são a concretização dessa interseção. Eles são o meio pelo qual as experiências humanas, emoções

e verdades existenciais são exploradas e expressas. “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance” (Candido, 1968, p. 51-52).

Um dos protagonistas de *The Other Boat*, Lionel March - ou “*Lion*”, como é chamado muitas vezes por Cocoanut durante a narrativa, é um personagem marcado por características que refletem sua identidade como colonizador dentro do contexto do império britânico. O apelido “*Lion*” para Lionel não é escolhido por acaso. O leão é tradicionalmente visto como o “rei da selva” e um símbolo de força, poder e autoridade. Dentro do contexto colonial, Lionel, como um oficial britânico, membro da elite colonial, é associado a essas qualidades, representando assim a “raça dominante”. O leão representa o poder do Império Britânico, e reforça a ideia de que Lionel é a personificação do poder colonial, destinado a dominar e controlar os povos colonizados. Contudo, assim como afirmam Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2001), o leão:

Poderoso, soberano [...] rei dos animais, está imbuído das qualidades e defeitos inerentes à sua categoria. Se ele é a própria encarnação do Poder, da Sabedoria, da Justiça, por um lado, o excesso de orgulho e confiança em si mesmo faz dele o símbolo do Pai, Mestre, Soberano, que, ofuscado pelo próprio poder, cego pela própria luz, se torna tirano, crendo-se protetor (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 538)

Portanto, apesar de ser representado como o soberano dos animais, simboliza o poder absoluto, a sabedoria e a justiça, o leão, possuindo essas mesmas características que o fazem um líder, também trazem consigo seus defeitos. O excesso de confiança e orgulho podem transformar sua imagem de protetor em um tirano. A cegueira causada pelo próprio poder e a autossuficiência fazem com que ele perca a noção de seus limites. O leão, assim, reflete a dualidade do poder: tanto sua capacidade de liderar quanto a capacidade de se tornar um opressor. Quando relacionamos isso à Lionel, vemos que assim como o leão, é inicialmente retratado como uma figura de autoridade e controle, dotado de força e poder no contexto colonial. Mas que, à medida que a narrativa avança, essas mesmas qualidades se tornam suas fraquezas. Mais a frente, veremos que seu orgulho e sua incapacidade de reconhecer suas limitações e seus desejos reprimidos o transformam em uma figura trágica.

Como membro da força militar, Lionel ocupa uma posição de poder e comando, representando a força e a autoridade do Império Britânico. Imerso em uma cultura de superioridade racial e poder imperial, características que não apenas moldam sua identidade como também influenciam em suas interações com os outros personagens, especialmente Cocoanut. Lionel é descrito com características que enfatizam sua conformidade com o ideal britânico de masculinidade e autoridade, como mostra o trecho abaixo:

Ele era o que todo oficial jovem em ascensão deveria ser—bem definido, atlético, bonito sem ser óbvio [...] embora ele devesse saber que uma cabeleira farta e loura, olhos azuis, bochechas reluzentes e dentes fortes e brancos representavam, quando ombros largos apoiavam tudo isso (Forster, 2015, p. 44-45).⁴

A ênfase na aparência “limpa” e “atlética” de Lionel não é apenas uma mera descrição física, ela reflete também os estereótipos raciais que permeavam o pensamento colonial. As características de Lionel são implicitamente contrastadas com as de Cocoanut, sugerindo uma superioridade racial inata que o coloca em uma posição de autoridade natural. Enquanto Lionel é “guerreiro nórdico”, Cocoanut é o “rapazito sutil e sagaz, que não pertencia a nenhuma raça”⁵ (Forster, 2015, p. 48). A descrição de Lionel como um “guerreiro nórdico” evoca uma imagem de força, pureza, uma autoridade quase mitológica, ao passo que Cocoanut é visto como um “outro” indefinido, sem a mesma legitimidade ou solidez identitária que Lionel possui. Pertencente à elite colonial britânica, Lionel desfruta de privilégios sociais que lhe permitem dominar espaços e pessoas ao seu redor. Cocoanut, por outro lado, é associado ao “outro” colonizado, como parte de um grupo marginalizado que é relegado a um status inferior, como evidenciado pela segregação de refeições no navio.

Os Oito Grandes rapidamente reservaram mesas para o almoço e todas as futuras refeições, e Coco e seu grupo foram relegados a uma segunda rodada—porque era evidente que ele também estava em um grupo: o grupo da ralé e dos trapos sujos de cor, que se acumulam nos cantos e gargalham e sussurram, e podem até ser influentes, mas quem se importa? Leonel o considerava com repúdio e procurou por um ar de vergonha no seu inenarrável companheiro de cabine, mas ele estava saltitando e macaqueando no passeio do convés (Forster, 2015, p. 52).⁶

O trecho acima ilustra as divisões sociais e raciais a bordo do navio, onde a elite britânica da qual Lionel faz parte, representada pelo grupo “Os Oito Grandes”, exerce seu poder, relegando Cocoanut e seus companheiros a uma posição inferior. A expressão “o grupo da ralé e dos trapos sujos de cor” é pejorativa, sugerindo que aqueles que não fazem parte da elite britânica são considerados inferiores e irrelevantes, mesmo que possuam alguma influência.

⁴ “He was what any rising young officer ought to be—clean-cut, athletic, good-looking without being conspicuous [...] although he must have known that thick fairish hair, blue eyes, glowing cheeks and strong white teeth constitute, when broad shoulders support them.” (Forster, 1975, p. 208).

⁵ “They lay entwined, Nordic warrior and subtle supple boy, who belonged to no race [...]” (Forster, 1975, p. 210).

⁶ “The Big Eight promptly reserved tables for lunch and all future meals, and Cocoanut and his set were relegated to a second sitting—for it became evident that he too was in a set: the tagrag and coloured bobtail stuff that accumulates in corners and titters and whispers, and may well be influential, but who cares? Lionel regarded it with distaste and looked for a touch of the hangdog in his unspeakable cabin-mate, but he was skipping and gibbering on the promenade deck [...]” (Forster, 1975, p. 212).

Lionel representa a mentalidade colonial que vê a segregação social e racial como uma parte essencial da ordem natural, onde qualquer desvio é visto como uma transgressão inaceitável. Sua visão de mundo é marcada por uma crença profunda na superioridade da cultura e dos valores britânicos, como podemos ver no trecho a seguir:

Ele tinha achado decente de um jovem que ele tinha conhecido quando criança arranjar uma cabine para ele, mas não tinha esperado encontrar o rapaz também a bordo—ainda menos ter que compartilhar a cabine com ele. Isso veio como um choque grosseiro. Oficiais britânicos nunca ficavam na mesma cocheira com zés-ninguéns, nunca, era muito delicado para pôr em palavras (Forster, 2015, p. 49).⁷

O fragmento acima revela a atitude elitista e preconceituosa de Lionel em relação a Cooanut, que indica não apenas um desprezo pessoal, mas também uma crença profundamente enraizada na hierarquia social e racial que define a estrutura colonial. Ele considera a presença de Cooanut como algo inadequado e desconcertante para alguém de sua posição, evidenciando um preconceito institucionalizado que separa rigidamente os colonizadores dos colonizados.

Como símbolo do “Outro” colonizador, Lionel representa as expectativas e normas da sociedade colonial britânica. Criado para acreditar na sua superioridade em relação aos povos colonizados, ele vê Cooanut e outros tripulantes do barco que não compõem “Os Oito Grandes” como “inferiores”, a “irmandade de moreninhos” (Forster, 2015, p. 43) em suas palavras. Entretanto, embora pareça ser o modelo do jovem oficial perfeito, essa perfeição exterior contrasta com os conflitos internos que ele enfrenta ao longo da narrativa. Sua identidade aparentemente sólida é, na verdade, frágil, pois é constantemente desafiada por seus próprios desejos e pelas complexas dinâmicas de poder e alteridade que ele encontra. A perfeição física esconde uma vulnerabilidade psicológica e moral que eventualmente leva à sua queda.

Lionel oscila entre sua identidade como representante do poder colonial e seus impulsos pessoais, que entram em conflito com as rígidas regras sociais impostas pela cultura imperial. Sua luta interna pode ser vista como um reflexo das tensões do colonialismo, em que o colonizador, embora em posição de poder, também está preso por suas próprias construções ideológicas. Lionel, como o “Outro” colonizador, encarna as contradições do império, no qual o domínio sobre o “outro” sujeito colonizado é mantido, mas a um custo

⁷ “He had thought it decent of a youth whom he had only known as a child to fix him up a cabin, but had not expected to find the fellow on board too—still less to have to share the cabin with him. This gave him a nasty shock. British officers are never stabled with dagoes, never, it was to damn awkward for words.” (Forster, 1975, p. 211).

peçoal, muitas vezes, devastador. Seu destino trágico ao final do conto, no qual ele sucumbe às pressões de sua identidade colonial e à sua incapacidade de reconciliar seus desejos pessoais com as expectativas sociais, reforça a ideia de que o poder colonial não apenas oprime os colonizados, mas também aprisiona o colonizador em um ciclo de repressão e violência.

1.3.2 Cocoanut: O “outro”

O conceito de alteridade nos ajuda a analisar este texto pela própria condição do outro, como vimos previamente. Desta maneira, Cocoanut, por ser mestiço e pertencente a uma cultura e raça diferente da do colonizador britânico, é posicionado como esse “outro” na narrativa. Sua identidade é constantemente definida em termos de sua diferença racial e cultural em relação a Lionel. Cocoanut não é apenas o “outro” em termos de aparência física e origem étnica, mas também em termos de sua posição social e poder dentro da estrutura colonial.

Cocoanut enfrenta uma desumanização constante, tanto através das atitudes e olhares dos personagens britânicos quanto através dos próprios mecanismos da narrativa colonial. Ele é tratado como exótico e inferior, exemplificado pelo seu nome “Cocoanut”, que logo descobrimos que não é seu nome de fato, e sim um apelido um tanto ofensivo que foi lhe dado por causa de sua aparência física, como explica o personagem Lionel na segunda parte do conto:

Eu estava vindo do escritório da companhia marítima depois da tentativa e em absoluto desespero quando eu esbarrei em um indivíduo de quem você pode ou não se lembrar—ele era um garoto naquele outro navio quando partimos da Índia naquela ocasião improvável há dez anos— chamado de Coco por causa da forma peculiar da cabeça (Forster, 2015, p. 43)⁸

O apelido é reforçado várias vezes durante o conto, tanto por Lionel: “Em dez anos ele tinha se tornado um adolescente bem-apeçoado, mas ainda tinha a mesma cabeça com uma forma engraçada”⁹ (p. 47) , quanto pelo próprio narrador: “[...] Com sua nudez e sua escuridão reluzente e sua cabeça estranha, ele parecia uma imagem agachada do lado de fora de uma tumba”¹⁰ (p. 69). Essa repetição contribui para sublinhar a visão estereotipada e exotificada

⁸ “I was coming from the S. S. office after my final try in absolute despair when I ran into an individual whom you may or may not remember—he was a kid on that other boat we cleared all out of India on that unlikely occasion ten years ago—got called Cocoanut because of his peculiar shaped head.” (Forster, 1975, p. 207).

⁹ “In ten years, he had developed into a personable adolescent, but still had the same funny-shaped head” (Forster, 1975, p. 209).

¹⁰ “with his nudity and his polished duskiness and his strange-shaped head, he suggested an image crouched outside a tomb” (Forster, 1975, p. 222).

do personagem, expondo que o apelido não é apenas uma referência casual, mas uma ferramenta de reforço da alteridade e da hierarquia colonial presente no conto.

Além disso, o fato de Cocoanut ser identificado e definido pelo formato “peculiar” de sua cabeça por um apelido que é usado de maneira depreciativa e insultuosa, como uma forma de desumanizá-lo, reduzindo-o a uma característica física, o diferencia e o inferioriza em relação aos outros personagens, principalmente se compararmos com os nomes dos outros tripulantes do barco, que possuem nomes mais convencionais ou respeitáveis - Captain Armstrong, Mr Hotblack, Lieutenant Bodkin, Lady Manning, Mrs Arbuthnot - ou até mesmo o próprio Lionel, que é chamado por diferentes variáveis de seu nome: Lion, Lionel, Lionel March, Captain March, e sente muito orgulho: “Meu nome é Leonel March e é esse o meu nome”¹¹ (Forster, 2015, p. 67). Essa diferença clara entre os nomes dos outros personagens e Cocoanut ressalta a marginalização infligida a ele dentro do contexto da narrativa.

Além do apelido racista, Cocoanut sofre diversas outras injúrias raciais no decorrer da narrativa. A grande maioria (senão todos) dos termos ofensivos que aparecem na narrativa são direcionados a ele, principalmente em relação a sua cor: um pouco pincelado no piche, macaqueava, crioulo, macaco, o grupo da ralé e dos trapos sujos de cor, de cabelo pixaim, lama, entre outros.

O fato de Cocoanut ser chamado de macaco diversas vezes não apenas por Lionel e por outros tripulantes do barco, mas por ele mesmo, só evidencia de maneira explícita a forma desumanizada com que o personagem é tratado, tanto por outros personagens quanto por si mesmo. Macacos, no imaginário racista, são frequentemente utilizados como símbolo de inferioridade e selvageria, sendo vistos como seres primitivos e não civilizados. Ao relacionar Cocoanut à palavra “macaco”, há uma tentativa de rebaixá-lo, desumanizá-lo e de reforçar a ideia de que ele, como representante dos povos colonizados, é inferior aos britânicos.

Ademais, ao se referir a si mesmo como um “macaco”, Cocoanut demonstra o grau em que internalizou a visão desumanizadora que os colonizadores têm dele, que é um dos efeitos mais devastadores do colonialismo, pois não só rouba seu senso de valor e humanidade, mas também afeta sua autoestima, fazendo com que ele veja a si próprio através das lentes preconceituosas do colonizador. Essa desvalorização é manifestada não apenas pela linguagem pejorativa empregada pelos outros personagens, mas também pela reprodução desse discurso por parte do próprio Cocoanut e evidencia como a colonização pode moldar a

¹¹. “My name is Lionel March and that’s my name” (Forster, 1975, p. 221).

perspectiva das pessoas e suas atitudes em relação aos outros e a si mesmos. Essa absorção é novamente mostrada nos trechos a seguir, em que Cocoanut diz que ele não é bonito por não se parecer com Lionel - ‘Eu não sou bonito. Eu não sou como tu.’ E ele caiu em lágrimas (p. 78)¹², e se refere à sua cabeça como “cabeça do demônio” - ‘Mas ela—ela me viu somente, correndo no sol com a minha cabeça de demônio (p. 69)¹³.

A baixa autoestima e autopercepção negativa que Cocoanut tem de si próprio ao associar sua própria existência a algo maligno e monstruoso, não só ilustra sua alienação e desumanização, mas também sugere um conflito interno entre sua identidade natural e a visão distorcida imposta pelo colonialismo. Ao internalizar essas visões negativas, Cocoanut é tragicamente preso em uma dualidade que o impede de se enxergar como digno e completo, mostrando, assim, como a colonização não apenas oprime fisicamente, mas também corrompe mental e emocionalmente, criando uma autopercepção distorcida que ajuda a perpetuar o ciclo de opressão e alienação.

Cocoanut, no entanto, também é símbolo de resistência. Embora represente o sujeito colonizado que é subjugado e desumanizado, possui uma agência própria e uma complexidade de identidade que desafia as rígidas divisões impostas pelo colonialismo. Sua existência dentro da narrativa é uma encarnação das tensões e ambivalências que definem a alteridade no contexto colonial, onde as relações de poder são sempre contestadas. Cocoanut exhibe sinais de resistência, não aceitando passivamente sua posição subordinada, movendo-se pelo navio o dia inteiro, “descobrimo as fraquezas das pessoas” (Forster, 2015, p. 60). Ele é “o rapazito sutil e sagaz, que não pertencia a nenhuma raça e sempre conseguia o que queria” (Forster, 2015, p. 48), aquele que, logo no início do conto, recusa o convite das crianças europeias para brincar dizendo: ‘Eu não posso, eu tô cheio.’ (Forster, 2015, p. 34).

Essa caracterização revela a complexidade do personagem. Cocoanut desafia as rígidas categorias raciais e sociais impostas pelo colonialismo, resistindo a ser reduzido a estereótipos e assumindo uma postura de autonomia e astúcia em um ambiente que busca sua submissão. Sua relação com Lionel, embora marcada por uma dinâmica de poder desigual, também representa um desafio às expectativas coloniais. Ao se envolver romanticamente com o capitão, Cocoanut exemplifica a ambivalência das normas coloniais, desafiando as dicotomias rígidas e mostrando como as identidades coloniais são construções complexas e instáveis. Contudo, essa subversão é limitada e, finalmente, tragicamente interrompida. O fim trágico do personagem reflete a brutalidade do sistema colonial, que não permite tais

¹² “I am not pretty. I am not like you.’ And he burst into tears” (Forster, 1975, p. 227).

¹³ “But she—she saw me only, running in the sun with my devil’s head [...]” (Forster, 1975, p. 222).

transgressões, a fim de que a ordem estabelecida persista e expõe a violência inerente a essa estrutura de poder que destrói tudo o que ameaça sua continuidade.

2 O BARCO: O SIMBOLISMO E AS INFLUÊNCIAS DO ESPAÇO

“O barco é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e é entregue, ao mesmo tempo, ao infinito do mar, e que, de porto em porto, de bordo em bordo, de bordel em bordel, vai até as colônias buscar o que elas guardam de mais precioso em seus jardins” (Foucault, 2013).

O espaço em que uma narrativa acontece tem um papel bastante significativo na construção de significado e no desenvolvimento das relações entre personagens e temas. No conto *The Other Boat*, o barco, lugar onde o enredo se desenrola, não é apenas um cenário físico, mas um símbolo de instabilidade e tensão. Deste modo, este capítulo tem como objetivo principal explorar o que o barco representa dentro da história. A análise se concentrará em como este meio de transporte simboliza um microcosmo da sociedade colonial, onde as dinâmicas de poder, identidade e alteridade que permeiam as relações entre colonizador e colonizado são manifestadas, intensificadas e contestadas. Esse espaço confinado intensifica tensões que remetem à exploração colonial, onde o colonizador, em sua viagem às colônias, assim como aponta Foucault (2013), busca apropriar-se do que considera mais valioso. Além disto, este capítulo também busca investigar como a caracterização dos personagens é influenciada pelo ambiente no qual se encontram.

2.1 O barco como microcosmo da sociedade colonial

A análise do elemento espacial em obras literárias é fundamental para a compreensão da estrutura e das dinâmicas internas do texto. Alguns estudiosos, como Antonio Dimas (1987) e Cândida Vilares Gancho (2004) veem a necessidade de fazer uma diferenciação entre o cenário físico e o metafórico, ou seja, espaço e ambiente/ambientação, no qual o primeiro é entendido como “lugar físico onde ocorrem os fatos da história” (Gancho, 2006), enquanto o outro se refere ao ‘lugar’ mais simbólico e psicológico da narrativa. Contudo, nesta análise não iremos fazer essa distinção entre espaço e ambiente, trataremos ambos como sinônimos, assim como Angélica Soares (1993, p. 51), que vê o espaço como um “conjunto de elementos da paisagem exterior (espaço físico) ou interior (espaço psicológico), onde se situam as ações das personagens”. Deste modo, podemos afirmar que o espaço não é apenas um pano de fundo neutro, mas um componente ativo que interage diretamente com os personagens e influencia o andamento da história, ao passo que ultrapassa sua dimensão

física e transfigura-se em um elemento simbólico que reflete aspectos psicológicos, emocionais e sociais da trama.

Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2001), o símbolo é definido como uma representação sensível de uma realidade ou ideia abstrata que carrega sentidos profundos, muitas vezes múltiplos e complexos. Ele transcende o significado e depende da interpretação do observador, uma vez que sua “percepção [...] é eminentemente pessoal, não apenas no sentido em que varia de acordo com cada indivíduo, mas também no sentido que procede da pessoa como um todo” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 14). Nesse sentido, o significado que um símbolo pode carregar envolve a totalidade do ser, pois ele sintetiza as influências não apenas do inconsciente e do consciente, mas também instintivas e espirituais de cada indivíduo. Chevalier e Gheerbrant argumentam que:

Os símbolos estão no centro, constituem o cerne dessa vida imaginativa. Revelam os segredos do inconsciente, conduzem às mais recônditas molas da ação, abrem o espírito para o desconhecimento e o infinito. Ao longo do dia e da noite, em nossa linguagem, nossos gestos ou nossos sonhos, quer percebamos isso ou não, cada um de nós utiliza os símbolos. Eles dão forma aos desejos, incitam a empreendimentos, modelam comportamentos, provocam êxitos ou derrotas (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 7).

Desta forma, fica claro que os símbolos transcendem a comunicação, eles nos fazem enxergar além do que conhecemos, nos conectando com algo maior, algo infinito e desconhecido. É um elemento que torna visível ou revela um conceito mais amplo por trás dele, não sendo apenas uma representação direta, mas possuindo a capacidade de permitir que uma ideia mais profunda e complexa possa ser compreendida por meio dele, oferecendo, assim, diferentes possibilidades de significados para diferentes indivíduos. Os símbolos não encerram significados nem explicam, mas apontam para algo além, inatingível e pressentido, que não pode, muitas vezes, ser plenamente expresso por palavras, isto é, eles não possuem significados fixos ou definitivos, ao contrário, eles funcionam como portas que nos levam a algo mais profundo e misterioso (Jung, 1964). Logo, “seria dizer pouco que vivemos num mundo de símbolos — um mundo de símbolos vive em nós” (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 7).

Em *The Other Boat*, o barco desempenha um papel profundamente simbólico ao expressar uma ideia mais complexa do que a mera função de um objeto específico. Sua importância na narrativa é evidente, dado que o próprio título do conto faz alusão direta a esse elemento. Ao intitular seu conto *The Other Boat*, Forster não apenas destaca o barco como algo além de um mero cenário físico que é palco para a história, mas também o eleva a

um símbolo central, que encapsula as temáticas e os conflitos principais da narrativa. O barco, nesse sentido, representa um lugar de encontro, confronto e, eventualmente, tragédia. O uso do termo “Outro” no título ainda nos remete à ideia de alteridade, conceito discutido anteriormente no capítulo 1, que sugere a presença de algo ou alguém que é diferente, marginalizado, ou em oposição ao “Eu” dominante. O barco, desta forma, pode ser interpretado como um microcosmo da sociedade colonial, ilustrando as tensões e conflitos característicos das interações entre colonizadores e colonizados. Ele representa a instabilidade e as dinâmicas de poder próprias do contexto imperial, funcionando como um espaço simbólico onde questões de identidade e alteridade são exploradas de forma complexa e multifacetada.

O barco é, portanto, uma representação reduzida de um mundo maior, o mundo colonial, em que as dinâmicas sociais, culturais e políticas de uma sociedade imperial mais ampla são refletidas e, muitas vezes, intensificadas. Um exemplo disso são as divisões que ocorrem dentro dele, em que pessoas da classe social e étnica consideradas elevadas, como Lionel, não podem se misturar no mesmo ambiente que personagens como Cocomat, pois não é “bem visto”. Como exemplificado pela passagem a seguir:

‘Quem é esse?’ Perguntou o acompanhante da senhora. ‘Ele está sempre na companhia dos meus filhos. Sei não.’ ‘Um pouco pincelado no piche, hein?’ ‘É, mas nem importa, já que estamos numa viagem para casa. Eu jamais permitiria se estivéssemos indo para a Índia.’ (Forster, 2015, p 36).¹⁴

Neste trecho, retirado da primeira parte do conto, os filhos da senhora March, que não veem problema algum nesta ação, estão brincando com Cocomat perto do convés do navio. Quando são vistos pela mãe e seu acompanhante, que imediatamente questiona o fato das crianças estarem brincando com alguém “um pouco pincelado no piche” como Cocomat. A observação feita pelo acompanhante da senhora March e a própria resposta dela revelam as hierarquias raciais rígidas e o racismo descarado da época. A presença de Cocomat próximo aos seus filhos só é permitida por parte da senhora March pelo fato de estarem “numa viagem para casa”, ou seja, é algo tolerado apenas por se encontrarem em um ambiente informal e temporário, mas que “jamais” poderia acontecer se fosse em uma viagem “indo para a Índia”. A implicação é que, na colônia (como a Índia), onde as divisões raciais e sociais são mais intensas e devem ser mantidas, essa interação seria fortemente desencorajada, pois é preciso “dar o exemplo”.

¹⁴ “Who’s this?” asked the lady’s companion. ‘He’s always hanging on to my children. I don’t know.’ ‘Touch of the tar-brush, eh?’ ‘Yes, but it doesn’t matter on a voyage home. I would never allow it going to India” (Forster, 1975, p 203).

O trecho evidencia não apenas a estrutura social racista, como também as barreiras de alteridade que permeiam o conto. A presença de Cocoanut junto aos filhos da senhora March é aceitável pois é uma viagem “para casa”, o que sugere que, fora do contexto colonial, as barreiras sociais são temporariamente atenuadas, ainda que de maneira superficial e circunstancial, isto significa que, fora desse contexto específico, a senhora March manteria Cocoanut marginalizado e longe dos seus filhos. Isso revela as dinâmicas de poder que moldam as relações coloniais, onde o colonizado é visto como “outro” e apenas ocasionalmente incluído, mas sempre de forma condicionada e precária. A alteridade se manifesta na diferença imposta entre os personagens, com Cocoanut sendo tratado como inferior e deslocado, mesmo que temporariamente aceito.

Na segunda parte do conto, o qual retrata a vida adulta dos personagens, também é possível apontar alguns trechos que exemplificam atitudes classicistas e racistas por parte de outros personagens do conto para com Cocoanut, tanto durante o trajeto Índia-Inglaterra, como exemplificado anteriormente, como na viagem Inglaterra-Índia. Como discutido no capítulo 1, “Os Grande Oito”, grupo do qual Lionel fazia parte, reservavam as mesas a fim de garantirem a melhor acomodação para as refeições, enquanto “o grupo da ralé e dos trapos sujos de cor”, do qual Cocoanut era membro, eram “relegados a uma segunda rodada”. Esta imposição revela uma divisão clara entre “nós” e “eles” e reforça a ideia de que a presença “deles” só é tolerada em espaços secundários e de menor importância.

A notícia de que Lionel precisaria dividir a cabine com Cocoanut também não é nem por ele mesmo nem por outros tripulantes do barco. Ao comentar com seus companheiros de grupo que tinha conseguido uma passagem mas “às custas de dividir a cabine com um crioulo” (Forster, 2015, p. 51), Lionel provoca uma onda de empatia entre seus iguais, que percebem a situação como terrível e “muita má sorte” do capitão. Para eles, é incabível que alguém da posição social de Lionel tenha que compartilhar um espaço pessoal com uma pessoa como Cocoanut, considerada étnica e socialmente inferior. Essa reação é seguida de comentários maldosos que ofendem Cocoanut, como o do coronel Arbuthnot, que exclama: ‘Vamos esperar que manchas pretas não apareçam nos lençóis,’ (Forster, 2015, p. 51)¹⁵, e de sua esposa que responde, “ainda mais espirituosa”, dizendo: ‘Claro que não aparecerão, querido, se é um crioulo, serão manchas de café.’ (Forster, 2015, p. 52)¹⁶, enquanto é aplaudida e tira gargalhadas dos que a ouvem.

¹⁵ “Let’s hope the blacks don’t come off on the sheets” (Forster, 1975, p. 212).

¹⁶ “Of course they won’t, dear, if it’s a wog it’ll be the coffees” (Forster, 1975, p. 212).

Estes trechos revelam como a segregação racial era aceita e normalizada no contexto imperial, não apenas nas estruturas sociais e hierárquicas, mas também nas interações cotidianas e nas dinâmicas interpessoais. O tratamento diferenciado e o desprezo demonstrado em relação a Cocoanut, ilustram como a discriminação racial não se limita a áreas físicas ou espaços sociais, mas permeia a maneira como as pessoas são vistas e tratadas, como evidenciado pelas atitudes e comentários dirigidos ao personagem de Cocoanut.

Além de representar a sociedade imperial encapsulada, o barco também pode ser interpretado como um símbolo de repressão e violência histórica, especialmente para os povos colonizados, por sua semelhança com os chamados ‘navios negreiros’, embarcações que serviam para transportar os escravos, e que, apesar de diferentes em propósito e contexto histórico, compartilham a conotação de serem locais onde as dinâmicas de poder, desumanização e dominação colonial se manifestavam de forma intensa.

Em *The slave ship: a human history* [O navio negreiro: uma história humana]¹⁷, Marcus Rediker (2007) discute como os navios negreiros, o que ele chama também de “prisão móvel”, foram palco para muitos horrores advindos do comércio transatlântico de escravos, destacando também sua influência na construção das desigualdades raciais e econômicas por ter sido “a embarcação histórica para o surgimento do capitalismo”¹⁸ (Rediker, 2007, p. 44). Rediker explora as condições desumanas nas quais os escravos e outros tripulantes a bordo viviam ao trazer relatos pessoais de marinheiros, mercadores e cativos. Os navios negreiros, desta forma, também podem ser lidos como um microcosmo da violência e brutalidade da era colonial.

Esta semelhança entre o barco, elemento emblemático do conto, e os navios negreiros se encontra profundamente enraizada no simbolismo de ambos como espaços de opressão, controle e violência. Os navios negreiros simbolizam a barbárie do comércio transatlântico de escravos, eles são a representação do espaço físico onde a brutalidade e desumanização aconteciam, em que seres humanos eram transformados em mercadorias. De maneira similar, o barco no conto de Forster, embora não seja um navio negreiro, também representa um microcosmo da opressão e conflito advindos de uma sociedade adoecida, com suas bases fincadas no preconceito, na violência e na injustiça.

¹⁷ Tradução nossa.

¹⁸ Tradução nossa. (Original: “It was the historic vessel for the emergence of capitalism”)

2.2 Entre a exposição e o refúgio: o espaço físico e a caracterização das personagens

A relação entre o espaço e os personagens se dá ao passo que compreendemos que problematizar os sujeitos ficcionais envolve perceber que suas ações estão intimamente ligadas ao lugar físico em que eles se encontram. Isso significa que, para entender plenamente um personagem, é necessário considerar não apenas quem ele é e o que ele faz/fala, mas também onde ele está situado dentro da narrativa. O espaço em que uma ação se desenrola é crucial para compreendermos a motivação por trás dela, tendo em vista que o ambiente pode moldar as escolhas, comportamentos e emoções dos sujeitos ficcionais (Fernandes, 2008).

Segundo Carlos Eduardo Fernandes (2008), a construção de espaços físicos em narrativas homoafetivas desempenha um papel crucial na dinâmica das relações entre os personagens por serem, geralmente, espaços moldados por normas sociais que veem a homoafetividade como uma infração. Com isso, esses ambientes muitas vezes refletem a marginalização dessas relações, frequentemente sendo retratados como lugares fechados e isolados, onde tais transgressões podem ficar ocultas, o que cria uma atmosfera de clandestinidade e opressão, mas também de intimidade e liberdade, pois é onde os personagens podem expressar seus desejos mais íntimos, ainda que sob o risco de serem descobertos.

Em *The Other Boat*, o espaço reduzido do barco tem certa influência na caracterização dos personagens principais, Lionel e Coconut, à medida que amplifica o conflito interno de Lionel, que se vê dividido entre suas responsabilidades como representante do império colonizador e seus desejos pessoais e também enfatiza a vulnerabilidade de Coconut, que, apesar de mostrar resistência contra sua posição de subalterno, está preso em um ambiente que reproduz as estruturas de poder coloniais.

O convés e a cabine do barco geram um contraste dentro do conto e transfiguram-se em dois mundos distintos em um mesmo ambiente, o público e o privado. Enquanto o convés é um espaço aberto (público) no qual os personagens ficam expostos aos olhares e julgamentos uns dos outros e onde as normas e expectativas sociais são mais rigidamente aplicadas. A cabine, por outro lado, é um espaço fechado (privado) que oferece refúgio dos olhos do público e por ser isolada e estreita, se torna um espaço íntimo e seguro, possibilitando os personagens escapem momentaneamente das expectativas do mundo exterior. A intimidade da cabine permite a expressão das vontades que são suprimidas e encobertas no ambiente público, tornando-a um símbolo de privacidade, segredo e do 'eu' interior. É na cabine, longe dos olhos julgadores da sociedade colonial, que Lionel e

Cocoanut se permitem explorar seus verdadeiros desejos, desenvolvendo uma relação física e afetiva que seria impensável no espaço público do convés, como mostra este trecho: “Eles não podiam se acompanhar no convés com aquela pincelada de piche, mas o negócio era diferente aqui embaixo” (Forster, 2015, p. 47).¹⁹

O trecho acima evidencia esta dualidade existente no barco e ilustra como o convés representa um lugar de repressão, onde a relação entre Lionel e Cocoanut não poderia ser manifestada devido ao medo de censura e punição, em contraste com a cabine, situada “aqui embaixo”, que caracteriza um espaço onde as barreiras sociais se dissolvem temporariamente, permitindo que os personagens explorem os sentimentos reprimidos.

Lionel é afetado por esta influência espacial de maneira mais clara e direta do que Cocoanut. Ele, frequentemente, vivencia um intenso conflito interno ao longo da narrativa, dividido entre seus sentimentos por Cocoanut e suas obrigações e expectativas sociais advindas tanto de sua posição como capitão, quanto por ser o filho primogênito da senhora March. A posição de Lionel como um representante militar exige um comportamento rigoroso no que concerne às normas sociais imperiais e ele teme as consequências de seu relacionamento com Cocoanut, que “poderia significar uma corte marcial” (Forster, 2015, p. 75)²⁰ se descoberto. Além disto, Lionel sente uma imensa pressão para defender a honra da família, que foi parcialmente manchada pelo fato de seu pai ter os abandonado por ter “virado nativo” (Forster, 2015, p. 65), isto é, ter se envolvido com uma mulher local, rompendo com as expectativas sociais e raciais impostas pela sociedade britânica da época. Esse escândalo familiar intensifica o sentimento de responsabilidade de Lionel em preservar a reputação e os valores coloniais que seu pai desonrou. Embora ciente da desaprovação de sua mãe e da potencial vergonha que suas ações poderiam causar, esse sentimento de obrigação familiar entra em conflito com sua crescente afeição por Cocoanut, causando-lhe grande perturbação mental.

Deste modo, quando presente em espaços públicos, Lionel tenta camuflar seus sentimentos por Cocoanut, ao mesmo tempo em que busca satisfazer as normas sociais impostas pela sociedade da época, da qual faz parte, ao se referir ao amante como “macaco morador” e “crioulo”, numa tentativa de se integrar ao seu grupo social. O que gera, contudo, um profundo desconforto, a ponto de fazê-lo “subitamente querer se jogar no mar” (Forster, 2015, p. 52). Já quando está a sós com Cocoanut na cabine, Lionel se sente seguro para

¹⁹ “They couldn’t associate on deck with that touch of the tarbrush, but it was a very different business down here” (Forster, 1975, p. 210).

²⁰ Uma corte marcial é um processo legal onde os tribunais julgam um membro das forças armadas por crimes contra a lei militar.

libertar-se destas restrições morais e sociais, cedendo aos seus desejos. Isso ocorre porque “seus preconceitos de cor eram mais tribais que pessoais, e só funcionavam quando um observador estava presente” (Forster, 2015, p. 49).²¹ Nessas circunstâncias, ele se sente à vontade o suficiente para se abrir emocionalmente, compartilhar detalhes de sua vida pessoal e até mesmo confidenciar segredos familiares, revelando que “nunca teve alguém com quem conversar” como Cocomat e acredita que jamais terá. Com isso, vemos a cabine como um espaço seguro, até determinado momento na narrativa.

Como discutido anteriormente, os aposentos confinados da cabine compartilhada criam um ambiente íntimo que facilita o desenrolar do relacionamento entre os dois, fato conhecido por Cocomat desde o início, conforme o próprio explica: “ele o tinha encontrado como previam as profecias, e tinha apostado nele, tinha gastado dinheiro para o pegar e o engaiolar, e aqui estava ele deitado, capturado, e não sabia que estava” (Forster, 2015, p. 48-49)²². Este comentário revela a consciência de Cocomat sobre como o espaço físico da cabine poderia vir a contribuir para a formação de uma conexão mais profunda com Lionel, levando em consideração que o espaço limitado e estreito oferece uma intimidade praticamente forçada. Este fato é, mais tarde, confirmado pelo coronel Arbuthnot: “Acontece que ele deu a alguém no escritório de Londres um suborno gordo para conseguir uma passagem, apesar do barco está cheio, e, como uma saída fácil, eles o colocaram na sua cabine” (Forster, 1975, p. 85).²³

No convés do navio e em outros espaços públicos, Cocomat é relegado ao grupo da “ralé”. Esta segregação enfatiza a natureza transgressora de seu relacionamento com Lionel. O espaço privado da cabine permite, assim, que tanto Cocomat quanto Lionel expressem seus desejos mais livremente, em forte contraste com seus comportamentos em áreas públicas. Desta maneira, Cocomat se utiliza deste *layout* do navio, com suas áreas distintas para diferentes classes sociais e o fato de ser marginalizado e praticamente invisível dentro desta estrutura social, para navegar por esses espaços estrategicamente, usando sua influência, esperteza e poder financeiro para reunir informações e manipular situações a seu favor, sendo “um rapazito sutil e sagaz” que embora “não pertencesse a nenhuma raça, sempre conseguia o que queria”. O contraste entre seu status marginalizado em público e seu poder na cabine privada ressalta a dualidade e a complexidade do personagem Cocomat.

²¹ “[...] his colour prejudices were tribal rather than personal, and only worked when an observer was present.” (Forster, 1975, p. 211).

²² “He had [...] met him again as the omens foretold, and marked him down, spent money to catch him and lime him, and here he lay, caught, and did not know it.” (Forster, 1975, p. 210).

²³ “It turns out that he gave someone in London office a fat bribe to get him a passage though the boat was full, and as an easy way out they put him into your cabin” (Forster, 1975, p. 231-232).

Adicionado a isso, como destacado por P. N. Furbank (1986), em sua introdução para *The new collected short stories* (Forster, 1986), o movimento do navio representa também um símbolo de “mudança incessante”, reforçando sutilmente o tema da instabilidade. O movimento constante do navio reflete a dinâmica de transformação, não só entre os personagens, mas as alterações inevitáveis provocadas por eles mesmos e por suas interações. Furbank aponta que o movimento assume um “significado quase mágico” na conclusão da história. Em poucas palavras, o uso do espaço e do movimento por Forster não é meramente descritivo, mas simbólico, pois reflete as alterações de poder, identidade e estados emocionais dos personagens. O movimento de balanço do barco reflete, assim, não apenas a instabilidade emocional dos personagens, como no caso de Lionel, mas também as subversões geradas pela resistência de Cocanut. Esse desequilíbrio constante simboliza a oscilação entre o controle e descontrole, a ordem colonial e o desafio à autoridade, com Cocanut representando uma força que questiona e resiste às normas impostas, enquanto Lionel se debate internamente com os conflitos entre dever, desejo e a pressão de manter a ordem estabelecida. Uma luta entre dois mundos, isto é, entre a ordem e o caos, que resultará em tragédia.

3 O DESFECHO TRÁGICO DE LIONEL E COCOANUT

*Yet each man kills the thing he loves
By each let this be heard,
Some do it with a bitter look,
Some with a flattering word,
The coward does it with a kiss,
The brave man with a sword!*

*Some kill their love when they are young,
And some when they are old;
Some strangle with the hands of Lust,
Some with the hands of Gold:
The kindest use a knife, because
The dead so soon grow cold.
(The Ballad of Reading Gaol - Oscar Wilde, 1909)*

O colonialismo, além de ter influenciado profundamente territórios e economias, foi responsável também por moldar as relações interpessoais nas sociedades colonizadas. As hierarquias impostas e as normas sociais criadas pelo poder colonial influenciaram as dinâmicas de amor, desejo e intimidade entre colonizadores e colonizados. Relacionamentos inter-raciais, em especial, tornaram-se espaços de tensão, onde afeto e violência se entrelaçam, perpetuando desigualdades e reforçando o poder de dominação. A influência do colonialismo em tais relações cria um campo de conflitos no qual o amor é frequentemente sufocado pelas violências estruturais e psicológicas do sistema. Assim, este capítulo pretende abordar como o pensamento colonial molda as relações, tanto no nível pessoal quanto estrutural, destacando as complexidades dos relacionamentos inter-raciais, como o de Lionel e Cocoanut, que são permeados pela tensão entre desejo e opressão. Por fim, iremos explorar como o relacionamento de Lionel e Cocoanut estava fadado a um fim trágico, cercado por um pensamento colonial destrutivo que, ao final, destrói suas vidas.

3.1 Amor e violência: a dialética do contexto colonial

Nesse movimento ambivalente característico de atração e repulsão, encontramos a economia sexual do desejo em fantasias de raça, e da raça em fantasias de desejo (Robert J. C. Young, 2005, p. 85).

A situação colonial modificou diretamente a forma como os indivíduos se relacionam pela criação de um argumento de diferenciação de cor baseado em uma hierarquia, em que de um lado temos a raça dominante, os puros, bondosos e inteligentes, e do outro a raça inferior, os impuros, demoníacos e limitados, e ao internalizar essas falácias, ambos começaram a visualizar a si e aos outros a partir de uma retórica de valores e ideias construídas dentro do processo de colonização, gerando assim, uma combinação de fascínio, submissão, dominação e violência na dinâmica das relações.

Em *Pele negra, máscaras brancas*, Frantz Fanon (2008) analisa criticamente a relação entre negros e brancos, e como esta pode ser influenciada e deturpada pelas estruturas desiguais de poder e hierarquias raciais. Ele discute, principalmente, o fator psíquico, tanto dos colonizados quanto dos colonizadores, destacando como a colonização transformou o tecido social, restabelecendo novos determinantes de relacionamento e sociabilidade. Fanon explora como a alienação gerada pela constante desumanização afeta a mente dos colonizados, os fazendo perpetuar a depreciação de si mesmo e seus iguais. Esta crença na hierarquia racial mantém tanto o negro quanto o branco reféns de uma construção social opressora. De um lado, o negro sofre com a alienação de que é inferior, internalizando uma identidade que lhe é imposta. Do outro, o branco está preso na falsa convicção de que é superior.

Fanon (2008) também discute como a internalização de toda desumanização e racismo sofridos, gera no negro/colonizado uma adoração pelo branco/colonizador. O branco se torna, ao mesmo tempo, objeto de fascinação e terror, cobiçado e temido. Visto que, em teoria, ser amado por um branco é ser amado como um branco, é ser reconhecido como um branco, é alcançar o mais alto nível de reconhecimento e aceitação dentro de uma sociedade que valoriza a branquitude como padrão. Além disto, o autor também destaca que essa alienação e desvalorização do negro por si mesmo em virtude de uma glorificação pelo branco não desaparece após o fim da colonização formal, mas que essa colonização psíquica

é interiorizada, naturalizada e transmitida para as outras gerações, perpetuando assim ideais coloniais e racistas.

Esse sentimento paradoxal que o colonizado sente em relação ao colonizador, também ocorre na psique do colonizador. Em *Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*, Robert J. C. Young (2005) discute essa ambivalência e aponta a coexistência de dois sentimentos opostos que caracterizam as interações dos colonos com os colonizados: atração e repulsa. De um lado, existe a atração por esse “outro”, que surge a partir do exotismo, da diferença e da curiosidade que desperta no colonizador, uma atração tanto cultural quanto sexual. Do outro, há a repulsa, que sugere o medo e a necessidade de manter a separação e a hierarquia racial, uma vez que a mistura de raças era percebida como uma ameaça à pureza racial e cultural europeia, o fenômeno da miscigenação era frequentemente discutido com espanto, pois acreditava-se que levaria à “descivilização”. O colonizador, assim, sente-se atraído pelo colonizado, mas simultaneamente o rejeita, por medo da perda de poder e controle.

Além do impacto psíquico, o discurso colonial também construiu uma narrativa dicotômica sobre o “outro” através de representações não só culturais como sexuais. Dentro da narrativa ocidental, no qual o Oriente foi imaginado e representado como um lugar exótico, misterioso e sensual (Said, 1990). Joseph Allen Boone (2014) destaca que a sexualidade ocupou um papel central nessas representações. Ele sugere que os relatos ocidentais eram, em grande parte, obcecados com a sexualidade, dado que os visitantes e agentes coloniais viam esse território como um espaço que poderiam explorar, de maneira mais aberta, questões sexuais que eram reprimidas e condenadas na Europa. Por conseguinte, ao retratar o Oriente como um espaço de decadência e permissividade, o Ocidente projetava fantasias sexuais e erotizadas sobre as populações orientais, criando uma dicotomia entre o sujeito ocidental, racional e dominante, e o “outro” oriental, passivo e disponível para o desejo. Essa representação sexualizada, não só reforçava as hierarquias de poder colonial e contribuía para legitimar a dominação colonial, mas também alimentava a ideia de que as terras e os corpos orientais estavam abertos para a exploração e controle.

Nesse sentido, o discurso sobre sexualidade foi utilizado para marcar a diferença entre o Ocidente e as populações consideradas inferiores, dentro de um projeto colonial que envolvia a justificativa “científica” para a superioridade europeia. Dentro desse discurso colonial, qualquer comportamento sexual que se desviasse das normas ocidentais (especialmente da heterossexualidade normativa) era comparado às "raças inferiores". Isso criava um ciclo de justificação em que a relação entre perversão sexual e inferioridade racial

era autorreforçada: as populações colonizadas eram vistas como sexualmente pervertidas, e essa suposta perversão (como a homossexualidade, por exemplo) era utilizada para categorizá-las como inferiores e para validar a supremacia racial dos europeus (Bleys, 1993).

Essa visão distorcida da sexualidade, perpetuada pelo discurso colonialista, influenciava profundamente nos aspectos emocionais tanto dos colonizadores quanto dos colonizados, criando um ciclo de poder, opressão e internalização de hierarquias raciais e sexuais. Essa instrumentalização da sexualidade, que era usada como uma ferramenta de poder, afetava a maneira como ambos os grupos se percebiam e se relacionavam, gerando uma dinâmica baseada na ideia de superioridade e inferioridade racial e moral.

Neste contexto, ao analisarmos o relacionamento de Lionel e Cocoanut, conseguimos perceber como as raízes destes discursos cercam e interferem em suas interações, ditando a dinâmica entre eles, a qual é permeada de tensão entre desejo e tabu, uma combinação perigosa que vai culminar em tragédia. A dialética do amor e da violência fica clara ao passo em que percebemos o papel que cada um representa dentro da relação. Cocoanut, como colonizado, preenche uma posição submissa, “agarra-se a Lionel como um macaco” (Forster, 2015, p. 48) e o olha com “um ar de adoração” (Forster, 2015, p. 47). Lionel, no papel de dominador, coloca Cocoanut “onde ele tinha que estar” (Forster, 2015, p. 48), imobilizando-o, ainda que gentilmente. Essa dinâmica exemplifica como a hierarquia racial se faz presente na relação deles, mesmo que de forma sutil às vezes. Isso deixa claro que, por mais que exista algum sentimento de amor, como demonstrado pela declaração de Lionel para Cocoanut: “eu me apaixonei por você” (Forster, 2015, p. 72), o relacionamento deles está envolto pela violência da estrutura colonial, o que os impede de se relacionarem de maneira igualitária.

O relacionamento de ambos é visto como algo que ataca diretamente a estrutura colonial, não apenas pelo fato de ser inter-racial, uma vez que “virar nativo”, isto é, se envolver romanticamente ou sexualmente com os colonizados era fortemente desaprovado e visto como uma ameaça à ordem social estabelecida, mas principalmente por ser uma relação homossexual, “a pior coisa no mundo, a coisa que daria a um soldado a pena máxima” (Forster, 2015, p. 51). Durante aquele período, a homossexualidade era amplamente vista como uma patologia, tratada como uma doença e criminalizada. Além disso, a rígida campanha puritana que dominava a sociedade britânica e suas colônias em relação à sexualidade intensificava o sentimento de opressão. Como resultado, relações como a de Lionel e Cocoanut, precisavam ser mantidas em segredo, devido à forte repressão legal e moral (Hyam, 1991). Conseguimos identificar sinais desse conservadorismo que cercava a

época em alguns trechos do conto, como por exemplo, quando após se deitar com Cocoanut, Lionel reflete dizendo:

Sim, essa era a vida, e aquela que ele nunca tinha experimentado em seu austero aprendizado: luxo, alegria, gentileza, estranheza, e uma delicadeza que não excluía o prazer brutal. Até então, ele era envergonhado de ter se desenvolvido como um animal: seus instrutores tinham condenado a carnalidade ou a tinham rejeitado como uma perda de tempo, e sua mãe tinha ignorado a existência dela tanto nele quanto em todas as suas crianças; sendo seus, eles tinham que ser puros (Forster, 2015, p. 60-61)²⁴.

O trecho acima evidencia a influência da doutrina conservadora na formação moral e sexual de Lionel, que com suas rígidas normas de comportamento, promovia uma visão de pureza associada à repressão dos desejos carnis e à negação do corpo. A educação austera mencionada pelo personagem retrata essa perspectiva, em que a carnalidade era vista como uma falha moral, algo vergonhoso ou desnecessário, enquanto a pureza, especialmente sob a tutela materna, era algo idealizado. A dicotomia entre pureza e prazer brutal revela a tensão interna de Lionel, cuja educação conservadora o levou a reprimir sua sexualidade e a desenvolver um sentimento de culpa por seus impulsos naturais.

Ao contrário de Lionel, Cocoanut não experimenta a mesma pressão social, uma vez que, para ele, a relação entre ambos é percebida como algo natural e isenta da influência das restrições impostas por essa moralidade repressiva. Cocoanut sempre “parecia positivamente não se importar com sua desgraça” (Forster, 2015, p. 54), algo incompreensível para Lionel, que se preocupava profundamente com a possibilidade de ser descoberto, o que fica claro no seguinte trecho: “O problema é que não esperam que nós façamos esse tipo de coisa sobre qualquer circunstância, o que você parece nunca entender. Se formos pegos seria o inferno na terra, tanto para você quanto para mim” (Forster, 2015, p. 47-48). O contraste em relação a como ambos veem seu envolvimento fica claro, e demonstra que embora o relacionamento envolva sentimentos de afeição e até mesmo amor, ele é inevitavelmente marcado pela violência estrutural do colonialismo. A hierarquia racial que sustenta essa estrutura repressiva torna impossível que o amor entre eles seja livre das amarras do poder colonial. A violência, tanto física quanto simbólica, se faz presente em suas interações, desde as declarações pejorativas de Lionel ao se referir à Cocoanut até seu ato final de violência extrema, que culmina na morte de ambos.

²⁴ “Yes, this was the life, and one that he had never experienced in his austere apprenticeship: luxury, gaiety, kindness, unusualness, and delicacy that did not exclude brutal pleasure. Hitherto he had been ashamed of being built like a brute: his preceptors had condemned carnality or had dismissed it as a waste of time, and his mother had ignored its existence in him and all her children; being hers, they had to be pure” (Forster, 1975, p. 217).

3.2 As consequências trágicas do pensamento colonial

A tragédia, segundo Aristóteles (2017), em sua obra *Poética*, é um gênero literário que retrata eventos capazes de evocar piedade e temor no público, resultando em um processo de ‘limpeza emocional’ conhecido como catarse. Em outras palavras: é a “imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão [...] e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções” (Aristóteles, 2017, p. 110). Aristóteles destaca que o enredo (*mythos*) é o aspecto mais importante da forma dramática, e que deve sempre ser coerente e seguir uma sequência lógica de eventos. Segundo o filósofo, o personagem trágico (frequentemente seres superiores, tais como reis, nobres ou heróis), não é completamente bom nem completamente mau, mas comete um erro ou falha trágica (*hamartia*) e que essa falha, leva à sua queda, aumentando a sensação de tragédia.

Nessa conjuntura, Raymond Williams, em *Modern Tragedy* (1966), crítica e redefine a tragédia clássica, ampliando seu escopo para além das lutas éticas e universais retratadas nos termos aristotélicos. Williams argumenta que a tragédia moderna não se limita ao destino da nobreza ou dos príncipes, mas evoca os conflitos pessoais e sociais das pessoas comuns. Para Williams, a tragédia no contexto moderno está mais intimamente ligada às forças sociais, políticas e econômicas. Ela representa as tensões entre o indivíduo e a sociedade, abordando questões como revoluções e desordem, além de experiências pessoais. O autor vai sugerir que o herói pode ser um indivíduo comum, cuja luta é moldada pelas pressões da vida moderna, como opressão política e dificuldades econômicas. Essa transição da queda do herói nobre, como descrito por Aristóteles, para o sofrimento da pessoa comum espelha a crença de Williams de que a tragédia moderna reside nas inadequações do individualismo e nas estruturas de poder que limitam a agência humana. Ele também expande a noção de catarse, argumentando que a tragédia moderna frequentemente deixa o público com uma sensação de tensão não resolvida, refletindo a complexidade da vida moderna, na qual as soluções não são facilmente atingíveis.

Nesse cenário, a evolução da tragédia aristotélica para a moderna pode ser vista em *The Other Boat* a partir dos conflitos internos e externos decorrentes do relacionamento homoerótico dos personagens principais. A relação entre Lionel e Cocanut, como discutido anteriormente, é cercada desde tensões raciais e sociais até o medo da repressão sexual. Essas tensões exprimem tanto a ideia de tragédia de Aristóteles quanto a de Williams.

De acordo com a definição aristotélica, a tragédia clássica envolve a queda de um personagem em posição elevada, em direção a um destino cruel. Em *The Other Boat*, Lionel encarna essa trajetória trágica à medida que sua incapacidade de reconciliar seu desejo por Coconut com as normas opressoras de sua época o levam a cometer um ato de violência que sela o destino de ambos. Assim como a reformulação do termo por Williams, notamos que *The Other Boat* é um exemplo de uma tragédia como um reflexo social, em que desejos pessoais entram em choque com normas sociais (racismo, colonialismo, homofobia).

A queda de Lionel é profundamente pessoal, ao passo que está enraizada em um pensamento colonialista, isto é, suas ações e decisões não apenas destacam suas falhas como indivíduo, mas também estão imersas nas dinâmicas de poder e nas ideologias opressivas da era colonial, que moldam suas interações com Coconut e outros personagens. Sua incapacidade de admitir seus anseios pessoais alinhado com o medo da opressão e as expectativas sociais impostas a ele, evidenciam como o pensamento colonial impacta a vida dos indivíduos, levando a consequências trágicas. Desta forma, fica claro que a violência e a morte no final da história se alinham com a afirmação de Williams de que a tragédia moderna retrata o peso esmagador das forças sociais sobre os indivíduos.

A catarse do conto se concretiza através da trajetória do relacionamento de ambos, em que o leitor experimenta o sentimento de compaixão diante das limitações impostas à felicidade e liberdade deles de viverem seus desejos sem quaisquer amarras ou impedimentos, e o terror ao contemplar as consequências devastadoras decorrentes do pensamento colonial.

A construção do elemento trágico por Foster é cuidadosamente elaborada através de uma combinação de estratégias narrativas que intensificam os conflitos ao longo do conto, culminando no desfecho violento e emocionalmente impactante. Forster utiliza desde o ambiente confinado e restrito do navio, que revela e acentua as tensões raciais e sociais da sociedade colonial, até diálogos repletos de significados implícitos que revelam a luta interna de Lionel, para construir uma tragédia moderna que abrange tanto os dilemas íntimos quanto às problemáticas sociais.

O elemento trágico em *The Other Boat* se faz presente desde o início do conto e não somente no ato final, especialmente por meio da instabilidade emocional de Lionel, que é revelada através de algumas falas carregadas de conotação violenta e desequilíbrio psicológico. A tensão trágica começa a se delinear logo após a primeira interação de Lionel e Coconut na cabine, quando Coconut expressa seu interesse de forma mais direta, ao tocar o corpo de Lionel. Este, por sua vez, reage com uma mistura de fascinação e repulsa,

sentindo-se simultaneamente “intrigado, apavorado e enjoado” (Forster, 2015, p. 50). Em resposta, Lionel se dirige ao oficial encarregado da disciplina para “relatar uma ofensa contra a decência” (Forster, 2015, p. 50), mas ao não encontrá-lo, percebe que sua fúria “de alguma forma diminuiu” (Forster, 2015, p. 50), o que o leva a uma reflexão desesperada: “o que diabo era para ele fazer? Ir adiante com a acusação ou explodir seus miolos ou o que?” (Forster, 2015, p. 51). Esse momento inicial de crise emocional já prenuncia o desfecho trágico do personagem. Além disso, em outra cena, Lionel também faz outro comentário que reflete seu constante pensamento suicida, ao relatar aos seus parceiros de bridge (jogo de cartas) que, embora tenha conseguido uma passagem para embarcar, teria que compartilhar uma cabine com Cocoanut, ao que eles respondem com comentários e piadas racistas. Esse episódio leva Lionel a refletir “por que ele subitamente queria se jogar no mar, [ele] se sentia do lado errado e quase um bandido” (Forster, 2015, p. 52).

Esses trechos demonstram como o desequilíbrio emocional de Lionel é central para a construção do elemento trágico do conto. Desde o início, o conflito interno do personagem, cujas ações oscilam entre o desejo reprimido e o medo da transgressão social, além da linguagem carregada de violência e seus impulsos suicidas são indícios claros de sua incapacidade de lidar com suas próprias emoções e com as expectativas da sociedade colonial e heteronormativa. A tensão psicológica crescente, evidenciada em suas reações extremas, agrava o clima de tragédia, preparando o leitor para o desfecho violento que se segue. Além disso, esses momentos revelam que o fim trágico não é um mero evento isolado, mas o resultado inevitável de uma série de crises emocionais e sociais que permeiam toda narrativa.

Essa instabilidade emocional que Lionel manifesta ao longo da narrativa é sentida não apenas pelo leitor, mas também por Cocoanut. Cocoanut tem “consciência de um problema adicional, de algo no amado que ele não podia compreender” (Forster, 2015, p. 64). Ele reconhece a tensão e o perigo iminente ao visualizar a beliche de Lionel, acima dele, como um espaço proibido, “era o covil de uma besta que podia revidar” (Forster, 2015, p. 80). Esse sentimento de ameaça, sutilmente sugerido, evoca a percepção de Cocoanut sobre a fragilidade emocional de Lionel, e sua consciência da violência latente que Lionel tenta suprimir.

A construção trágica de Forster é metódica e gradativa, ficando evidente para um leitor atento que o desenlace trágico é inevitável. O ato final, em que Lionel incorpora “o leão que vai matar a coisa que ele ama e depois se jogar ao mar” (Oliveira, 2015, p. 96), não surge de forma abrupta, mas é o clímax de uma série de tensões acumuladas ao longo da narrativa,

sendo cuidadosamente antecipado tanto nas interações entre os personagens quanto no crescente desequilíbrio mental de Lionel.

A descrição do ato final se segue com uma mistura de violência e algo sexual, como evidenciado no trecho abaixo:

‘Me beije.’

‘Não.’

‘Noé? Né? Então eu te beijo.’ E ele baixou sua boca até o antebraço musculoso e o mordeu. Lionel gritou com a dor.

‘Cachorra condenada, espere até eu...’ O sangue gotejou entre os pelos brilhantes como ouro. ‘Você só espere...’ E a cicatriz na sua virilha se reabriu. A cabine desapareceu. Ele estava de volta ao deserto lutando com os selvagens. Um deles pediu clemência, tropeçou e não achou clemência nenhuma.

O doce ato de vingança seguiu, mais doce do que nunca para ambos, e quando o êxtase endureceu em agonia as mãos dele torceram a garganta. Nenhum dos dois soube quando o clímax chegou, e ele, quando ele percebeu, não sentiu nenhuma melancolia, nenhum remorso. Era parte de uma curva que há tempo vinha descendo, e não tinha nada a ver com a morte. Ele abarcou novamente com seu calor e beijou as pálpebras fechadas de um modo meigo e estendeu o lenço brilhante e colorido. Então ele explodiu e saiu da cabine estúpida para o convés, e nu e com as sementes do amor no seu corpo, ele mergulhou no mar (Forster, 2015, p. 87-88).²⁵

Essa descrição ambígua, que combina elementos de agressão com uma linguagem carregada de conotações sexuais, implica que, para Lionel, o ato de matar Coconut não é apenas um ato de violência física, mas também um desdobramento de seu desejo reprimido. Incapaz de separar completamente seu desejo homoafetivo da violência e do ódio internalizado que sente pelo “outro” racializado, Lionel atua de forma a misturar os dois impulsos em uma única ação destrutiva. O estrangulamento é o ápice da relação entre eles, como se o desejo de Lionel só pudesse ser consumado através da morte de Coconut. O trecho “Nenhum dos dois soube quando o clímax chegou, e ele, quando ele percebeu, não sentiu nenhuma melancolia, nenhum remorso. Era parte de uma curva que há tempo vinha descendo, e não tinha nada a ver com a morte” reforça essa ideia, uma vez que sugere que esse ato final de violência não é percebido por Lionel como uma ruptura, mas como a conclusão inevitável de uma trajetória

²⁵ “Kiss me.”

‘No.’

‘Noah? No? Then I kiss you.’ And he lowered his mouth on to the muscular forearm and bit it. Lionel yelped with the pain. ‘Bloody bitch, wait till I...’ Blood oozed between the goldbright hairs. ‘You wait...’ and the scar in his groin reopened. The cabin vanished. He was back in a desert fighting savages. One of them asked for mercy, stumbled, and found none. The sweet act of vengeance followed, sweeter than ever for both of them, and as ecstasy hardened into agony his hands twisted the throat. Neither of them knew when the end came, and he when he realized it felt no sadness, no remorse. It was part of a curve that had long been declining, and had nothing to do with death. He covered again with his warmth and kissed the closed eyelids tenderly and spread the brightcoloured scarf. Then he burst out of the stupid cabin on to the deck, and naked and with the seeds of love on him he dived into the sea” (Forster, 1975, p. 233).

já se encontrava em declínio. A falta de melancolia ou remorso indica que, para Lionel, a morte de Cocoanut é menos uma tragédia pessoal e mais a consumação de um processo de autodestruição e negação de seu desejo. O ato violento se torna, assim, um mecanismo pelo qual ele tenta eliminar não apenas Cocoanut, mas também a parte de si mesmo que reconhece e se conecta a esse desejo proibido.

A confusão entre os atos de prazer e de violência cria um efeito perturbador no leitor. A falta de uma distinção clara entre os dois elementos nos força a confrontar a realidade de que o desejo homoafetivo de Lionel, sob a influência do pensamento colonial, só pode existir no espaço da violência. Essa fusão entre o erótico e o violento provoca um desconforto profundo, pois subverte as expectativas do que seria um ato de amor ou intimidade. A cena torna-se trágica porque o desejo de Lionel, que poderia ser uma fonte de conexão e afeição, é distorcido pelas forças opressivas do colonialismo e do racismo. O prazer e a violência se confundem, fazendo com que, para Lionel, a morte de Cocoanut se torne o único caminho para resolver o conflito entre seu desejo homoafetivo e as expectativas sociais e coloniais que ele internalizou, o ponto final de um relacionamento que nunca pôde se desenvolver plenamente.

A brutalidade presente nos acontecimentos finais, deste modo, não pode ser entendida de forma isolada, pois está profundamente enraizada no discurso e no pensamento colonial que permeiam todo o conto. Desde o início, Lionel é apresentado como um produto do pensamento colonialista sob o qual foi criado e no qual é simultaneamente opressor e oprimido. Ele é sufocado pelas expectativas sociais e raciais que lhe foram impostas e que, ao longo da narrativa, o inflamam até culminarem na explosão final. Seu suicídio simboliza a autodestruição do próprio colonizador, comprovando que embora esteja em posição de poder e privilégio em relação ao colonizado, é, em muitos aspectos, também vítima do pensamento colonialista. A pressão para manter a fachada da masculinidade e heteronormatividade exigida pelo império o consome. Sua morte, ao se jogar no mar, simboliza o fracasso do projeto colonialista em nível pessoal, demonstrando que as rígidas hierarquias e expectativas sociais do império não apenas destroem o colonizado, mas também corroem a psique do colonizador. A tragédia final revela que o sistema colonial, embora estruturado para oprimir o “outro”, também aprisiona e destrói aqueles que se encontram no topo dessa hierarquia.

O assassinato de Cocoanut, por sua vez, simboliza a destruição do “outro”, aquele que ao ser racializado e sexualizado, se torna uma ameaça à ordem colonial. Cocoanut, desde o início, é percebido por Lionel não apenas como um objeto de desejo, mas também como um perigo latente, uma presença que desafia as normas coloniais, pois “se ele ao menos soubesse

dos gostos do rapaz na Inglaterra ele jamais o teria tocado, não, nem com uma pinça” (p. 52). A morte de Coconut representa, desta forma, a impossibilidade de qualquer subversão as rígidas hierarquias raciais e sexuais do império britânico.

Quando analisadas em conjunto, ambas as mortes simbolizam a violência ideológica do colonialismo, a total vitória do pensamento colonial e heteronormativo sobre qualquer possibilidade de resistência ou transgressão. Suas mortes são, então, punições para ambos, não apenas por suas identidades individuais, mas pelo sistema maior que os rege. O fim trágico dos dois personagens sinaliza tanto a destruição individual quanto a destruição de qualquer chance de reconciliação entre o colonizador e o colonizado, é a prova definitiva do fracasso das relações humanas sob a opressão do imperialismo e do racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos séculos, a literatura tem se consolidado como uma poderosa ferramenta para refletir, questionar e documentar as experiências humanas, oferecendo uma compreensão abrangente das sociedades e das culturas. Além de registrar fatos históricos, explora as subjetividades, os conflitos e as transformações que moldam as identidades individuais e coletivas. Sua importância para os estudos pós-coloniais é extrema, pois ela é acima de tudo, um instrumento de resistência. Nos estudos pós-coloniais, a literatura emerge como um espaço de contestação e afirmação de identidades, ao mesmo tempo que desafia as narrativas dominantes de estereótipos e representações negativas, registra as experiências e as lutas dos povos colonizados, oferecendo um testemunho importante sobre o passado e dando voz aqueles que por tanto tempo foram silenciados.

As narrativas que abordam temas complexos como o colonialismo, principalmente aquelas escritas por autores que experienciaram este contexto, oferecem indícios valiosos sobre as dinâmicas de poder, opressão e resistência que caracterizam esse período. São textos que precisam ser divulgados e, acima de tudo, precisam ser analisados e discutidos. É por meio da análise dessas narrativas que conseguimos compreender as complexidades da colonização e suas consequências, uma vez que estes textos literários refletem as ideologias, estereótipos e visões de mundo que predominaram durante a época da colonização. Através destas obras, torna-se possível identificar discursos e mecanismos de dominação, investigar as representações de colonizadores e colonizados, as narrativas de exploração e conquista, bem como dar espaço para vozes marginalizadas. Desta forma, é possível compreender por que os efeitos da colonização ainda perduram e, com isso, desenvolver estratégias para combatê-los, por meio de uma educação crítica e acolhedora, que almeje a formação de sociedades mais justas e equitativas.

Obras como *The Other Boat* são essenciais para nossa sociedade, pois iluminam as tensões entre os povos colonizadores e os colonizados e os efeitos duradouros do colonialismo, revelando as nuances psicológicas e culturais que permeiam essas relações ao explorar não apenas as dinâmicas de poder e controle, mas também os conflitos internos e as tragédias pessoais que surgem em meio a esses contextos. Através de personagens complexos e situações ambíguas, Forster propõe uma reflexão profunda sobre as desigualdades e os dilemas morais impostos pelo colonialismo, tornando suas obras um recurso valioso para os estudos pós-coloniais e para a compreensão das marcas deixadas por esse processo histórico,

além de estimular debates em torno de questões de justiça histórica e reparação e promover tanto a conscientização quanto a reflexão crítica sobre as dinâmicas de poder e injustiças.

Nesse sentido, esta monografia teve como objetivo analisar o conto *The Other Boat* de E. M. Forster sob a perspectiva das teorias pós-coloniais, explorando as dinâmicas de alteridade e os impactos do pensamento colonial nas relações entre colonizador e colonizado, além de identificar e analisar os simbolismos presentes no texto.

O primeiro capítulo destaca como Lionel e Coconut são percebidos na sociedade como opostos um do outro, ambos exemplificam as dinâmicas de alteridade de cercam as relações e interações entre colonizador e colonizado. A análise enfatiza como suas identidades são moldadas por forças coloniais, estabelecendo um contraste que reforça a dicotomia entre poder e subordinação.

O segundo capítulo investigou como o barco vai além de mero cenário físico, consolidando-se como um elemento cheio de simbolismo ao longo da narrativa. Ele representa não apenas um microcosmo da sociedade colonial, onde hierarquias e tensões raciais são manifestadas e contestadas, mas também exerce uma influência significativa na caracterização dos personagens principais, que tentam se adequar ao espaço público (convés) e ao privado (cabine).

Por fim, o último capítulo explorou como o desfecho trágico do conto pode ser percebido desde o início, indicando que a influência do pensamento colonial permeia a narrativa de forma inevitável. A estrutura do conto sugere uma fatalidade intrínseca ao sistema colonial, onde a tragédia final é uma consequência das dinâmicas de opressão, violência e desigualdade que governam as interações entre os personagens e seus respectivos papéis sociais, revelando que as consequências devastadoras do pensamento colonial são cruéis tanto para os colonizados quanto para os colonizadores.

Ao aplicar as teorias pós-coloniais ao conto *The Other Boat*, este trabalho contribui para uma leitura mais complexa da obra de Forster, revelando como o autor reflete criticamente sobre o impacto duradouro do colonialismo em suas personagens e em suas relações, expondo as profundas divisões sociais, culturais e psicológicas geradas por esse processo. A análise da narrativa exemplifica como o colonialismo não apenas molda as interações entre colonizador e colonizado, mas também impõe barreiras emocionais e identitárias que resultam em tragédias pessoais, demonstrando a permanência das tensões coloniais nas subjetividades e nas dinâmicas sociais. O destino dos protagonistas ilustra a violência simbólica e física inerente ao sistema colonial, que impede que vivamos de forma igualitária. Além disso, percebemos que a brutalidade do ato final não foi um acontecimento

isolado, mas sim uma consequência das ideologias colonialistas, que estruturam uma sociedade na crença da superioridade racial, na desumanização do "outro" e na naturalização da violência como meio de controle, sustentando, assim, uma ordem social marcada pela desigualdade e pelo sofrimento e criando um ciclo de exclusão e destruição que afeta a todos.

Esta monografia, assim como qualquer pesquisa, apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Não foi possível abordar de maneira mais detalhada e profunda a questão da sexualidade e como ela era compreendida e influenciada durante a era colonial. Além disso, aspectos significativos sobre o personagem Cocomat não foram amplamente trabalhados, como a influência de outras culturas em sua construção. Cocomat é um personagem que não possui uma etnia específica e fala mais de uma língua, apresentando traços de interferência linguística em seu discurso. Outro ponto que poderia ter sido analisado é a condição de Cocomat sob a perspectiva da diáspora, considerando o fato de ele trabalhar em um navio em alto-mar, o que reflete sua ausência de pertencimento a uma nacionalidade específica, e sua falta de um lugar para chamar de seu no mundo. Muitas outras leituras e análises são possíveis em relação ao conto e aos personagens, sendo esperado que essas questões sejam exploradas em pesquisas futuras.

Por fim, espera-se que esta pesquisa instigue cada vez mais o debate sobre os resquícios do colonialismo, que afetam tantos povos diariamente em diferentes aspectos, para que possamos juntos lutar por uma sociedade mais tolerante e igualitária. Espera-se, ainda, que futuros estudos possam investigar mais detalhadamente outros elementos que o conto proporciona, como a representação de gênero, as questões de identidade racial e sexual no contexto colonial. Essas investigações podem aprofundar tanto a compreensão da narrativa, como das complexas dinâmicas sociais e culturais presentes na obra, ampliando o debate sobre os impactos do colonialismo e suas reverberações nas relações humanas e nas subjetividades e dando ainda mais visibilidade para a obra de Forster e tantas outras.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. 4. ed. Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2017. Disponível em: https://monoskop.org/images/4/4f/Aristoteles_Poetica_Sousa_1951_1986.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

ASHCROFT, Bill.; GRIFFITHS, Gareth.; TIFFIN, Helen. **Post colonial studies: the key concepts**. 2. ed. London e New York: Routledge, 2007. Disponível em: <https://staffnew.uny.ac.id/upload/132299491/pendidikan/postcolonialstudiesthekeyconceptsro.utledgekeyguides.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

_____. **The Empires Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. 2. ed. London e New York: Routledge, 2004. Disponível em: https://elearning.alberts.edu.in/wp-content/uploads/2020/05/Ashcroft_Bill_Gareth_Griffiths_Helen_Tif-1.pdf. Acesso em: 10 out.. 2024.

BEER, John. **A Passage to India: essays in interpretation**. London: The Macmillan Press LTD, 1985. Disponível em: Disponível em: <https://archive.org/details/passagetoindiaes0000unse/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Disponível em: <https://teoliteraria.files.wordpress.com/2013/02/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

BLEYS, Rudi. **Homosexual Exile: The Textuality of the Imaginary Paradise**. Journal of Homosexuality, v. 25, p. 165–182, 1993

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria literária: abordagens estéticas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: EDUEM, 2009.

BOONE, Joseph Allen. **The Homoerotics of Orientalism**. Columbia University Press, 2014.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CORTE MARCIAL. In: Cornell Law School: Legal Information Institute, 2022. Disponível em: <https://www.law.cornell.edu/wex/court-martial>. Acesso em: 10 out. 2024.

CUDDON, J. A. **The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. Londres: Penguin Books, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, formas, figuras, cores, números**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. Disponível em: <https://archive.org/details/dicionario-de-simbolos-mitos-sonhos-costumes-formas-figuras-cors-numeros/page/n5/mode/1up>. Acesso em: 1 out. 2024.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1968. Disponível em:

<https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/06/os-condenados-da-terra-frantz-fanon.pdf>. Acesso em: 10 out.. 2024.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **Configurações do espaço na literatura de expressão gay: marcas de um gênero literário**. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Autor Associado, 2008.p. (99-120).

FORSTER, Edward Morgan. **The life to come and other stories**. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1975.

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos Avançados, Scielo Brasil, 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/zz6cfdQBcxskMtMXDHPqT4G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

FURBANK, P. N. 1986: Introduction: **The new collected short stories**. Chivers Press Bath, 1986. Disponível em: <https://archive.org/details/newcollectedshor00fors/page/n10/mode/1up>. Acesso em: 2 out. 2024.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

HYAM, Ronald. **Empire and sexuality: The British Experience**. Manchester University Press, 1991.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. 6. ed. Nova Fronteira, 1964.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. 2. ed. New York: Routledge, 2005.

Disponível em:

[http://armytage.net/pdsdata/%5BAnia_Loomba%5D_Colonialism_Postcolonialism_\(The_New\(Book4You\).pdf](http://armytage.net/pdsdata/%5BAnia_Loomba%5D_Colonialism_Postcolonialism_(The_New(Book4You).pdf). Acesso em: 10 out. 2024.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêtricas**. 1. ed. Porto Alegre: Civitas, 2014. 27-42 p. v. 14. Disponível em:

https://www1.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20161026130823.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

METCALF, Thomas R.; METCALF, Barbara D. **A Concise History of Modern India**. 2. ed. Cambridge University Press., 2006. Disponível em:

<https://apnaorg.com/books/english/concise-history-india/concise-history-india.pdf>. Acesso em: 10 out. 2024.

MOREIRA, Herivelto.; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NWANOSIKE, Oba F.; ONYIJE, Liverpool Eboh. **Colonialism and Education**. Mediterranean Journal of Social Sciences, Nigeria, v. 2, 7 set. 2011. Disponível em: <https://www.richtmann.org/journal/index.php/mjss/article/view/10879/10494>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Garibaldi Dantas. **O Outro E. M. Forster: uma tradução comentada de “The other boat”**. Florianópolis, SC, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/160769/338071.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 out. 2024.

REDIKER, Marcus. **The slave ship: a human history**. Viking Penguin, 2007.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 370 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said%20edward%20w%20-%20orientalismo.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Quem reivindica alteridade?**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1385/spivak.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 out. 2024.

WILDE, Oscar. **Poems**. New York: Brentano's, 1909. Disponível em: <https://archive.org/details/poemsbywilde00wilduoft/page/n9/mode/2up>. Acesso em: 24 set. 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Modern Tragedy**. Califórnia: Stanford University Press, 1966. Disponível em: <https://archive.org/details/moderntragedy00willrich/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 24 set. 2024.

YOUNG, Robert J. C. **Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race**. Taylor & Francis, 2005.